



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

FERNÃO MARÇAL XIMENES

**O catolicismo em Timor-Leste durante a
ocupação da Indonésia: resistência e
evangelização.**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor António Manuel Antunes de Matos Ferreira

Lisboa
2021

Índice

Resumo	3
Abreviaturas e Siglas	4
Introdução	5
CAPÍTULO 1 – O CATOLICISMO ANTES DA DESCOLONIZAÇÃO	10
1. Os Portugueses e a Introdução do Catolicismo.....	10
2. A Intensificação do Catolicismo	17
CAPÍTULO 2 - AS ATIVIDADES CATÓLICAS DURANTE A OCUPAÇÃO DA INDONÉSIA	24
1. A Evangelização e Incremento da Cristandade	39
2. Participação da Igreja no Campo do Ensino e da Formação dos Seminaristas	45
3. Cooperação no Campo de Serviço de Saúde e dos Serviços Sociais.....	51
4. Associação de Piedade.....	55
CAPÍTULO 3 – O CATOLICISMO EM TIMOR-LESTE: DEPOIS DO SOFRIMENTO VEM A ALEGRIA.....	57
Conclusão	79
Fontes e Bibliografia	84

Resumo

A cristianização de Timor-Leste resulta da presença missionária portuguesa desde o século XVI. Todavia, foi a invasão japonesa, durante a Segunda Guerra Mundial, e, posteriormente, a da Indonésia, no processo de descolonização, que marcaram, pela experiência de resistência e de identificação, a centralidade do catolicismo como referência central para as populações enquanto processos de adesão, de proteção e de socorro, dando forma à evangelização mais extensiva e à organização da igreja católica tal como se apresenta na atualidade.

Palavras-chave: Catolicismo, evangelização, invasões, resistência e Timor-Leste

Abstract

The Christianization of Timor-Leste results from the Portuguese missionary presence since the 16th century. However, it was a Japanese invasion, during the Second World War, and later in Indonesia, in the process of decolonization, which marked, by the experience of resistance and identification, the centrality of Catholicism as a central reference for the populations as processes of adherence, protection and relief, giving form to the most extensive evangelization and the organization of the Catholic Church as it is today.

Keywords: Catholicism, evangelization, invasions, resistance and Timor-Leste

Siglas e Abreviaturas

- ABRI/TNI** – Angkatan Bersenjata Republik Indonesia (Forças Armadas Indonésias)
- APODETI** – Associação Popular Democrática Timorense
- CEC** – Corpo dos Escuteiros Católicos
- CIC** – Codex Iuris Canonici (Código de Direito Canónico)
- CICV** - Comitê Internacional da Cruz Vermelha
- CRS** - Catholic Relief Services
- DELSOS** – Delegatus Sosial (Delegação Social)
- FRETILIN** – Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente
- Gn** – Livro de Gênesis
- GS** – Gaudium et Spes
- KB** – Keluarga Berencana (Planeamento Familiar)
- KOTA** – Klibur Oan Timor Asuwain
- Lc** – Evangelho segunda São Lucas
- Mt** – Evangelho Segundo São Mateus
- MUI** – Majelis Ulema Indonesia (O principal órgão clerical muçulmano da Indonésia)
- NKRI** – Negara Kesatuan Republik Indonesia (República Indonésia)
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- SD** – Sekolah Dasar (Escola Básica)
- SMA** – Sekolah Menengah Atas (Escola Secundária)
- SMP** – Sekolah Menengah Pertama (Escola Pre-Secundária)
- UDT** – União Democrática Timorense

INTRODUÇÃO

«A preocupação social da Igreja expressa-se de várias maneiras. Esta preocupação está dirigida ao verdadeiro desenvolvimento do Homem e da sociedade para respeitar e promover todas as dimensões da pessoa humana timorense. E porque a Igreja vai entrando na dia a dia a vida do povo de Timor-Leste, a Igreja esforçar-se sempre por ler os acontecimentos que se vão revelando ao longo da história da vida das pessoas, orientar as pessoas a responderem as suas vocações como construtores responsáveis pela sociedade mundana. Construtores humanos significam pessoas que são capazes e desejam construir Timor-Leste sem amarras (reservas).»¹

A história da Igreja de Timor-Leste começou no século XV, quando os portugueses pisaram a ilha e realizavam o comércio na região. O catolicismo desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento de Timor-Leste desde que os frades dominicanos Frei António Taveiro e Frei António da Cruz iniciaram as suas missões no território e batizaram 5.000 indígenas tornaram-se católicos no século XVI. A partir daí os movimentos e os espaços religiosos têm sido essenciais na prestação de serviços de desenvolvimento do país. Isso nota-se ao longo da ocupação da Indonésia.

Nesta dissertação delinea um pouco a contribuição e caráter da Igreja Católica através de dois períodos da agitação da história de Timor - durante o colonialismo e sob a ocupação da Indonésia com um foco maior no período da ocupação da Indonésia.

Neste trabalho apresenta-se a Igreja Católica de Timor-Leste como uma instituição heterogénea que responde, simultaneamente, de forma progressiva e conservadora aos contextos sociopolíticos em que estava inserida. O objetivo desta dissertação é destacar os diversos contributos de desenvolvimento religioso que a Igreja fez ao longo dos períodos da ocupação da Indonésia.

A expansão cristianismo começou com os descobrimentos embora estes raramente são mencionados como parte da história da Igreja. Como nas outras regiões da colónia, o catolicismo teria penetrado na Ilha Timor através de duas vias principais: a dos mercadores e dos marinheiros, como os primeiros contatos com os portugueses. Posteriormente, a presença dos missionários, sobretudo dos dominicanos, desde o final do século XVI veio a ser uma presença significativa para a propagação do catolicismo

¹ Belo, Carlos Filipe Ximenes – Carta a todos os fiéis da Diocese – in *Demi Keadilan dan Perdamaian (Tradução minha)*. Direção de Peter Tukan e Domingos de Sousa, Editor Komisi Keadilan dan Perdamaian Dioses Dili, 1997, p.340.

em Timor-Leste. Todavia a progressão do catolicismo só se acentuou depois de concordata do Acordo Missionário assinado em 1940 e da publicação do Estatuto Missionário de 1941. O relatório da diocese indica que «O número de católicos da Diocese de Dili atingiu em 31 de Dezembro de 1950 a cifra de 42.621.»² A partir de momento então o número das pessoas que aderiram ao catolicismo foi aumentando.

Com a invasão da Indonésia em 1975, veio registar uma grande adesão dos timorenses ao catolicismo, até nas celebrações Eucarísticas «as igrejas atingiam o máximo da sua capacidade.»³

Todo o percurso que a Igreja Católica fez em Timor-Leste, procurou sempre para não incutir e envolver nos assuntos políticos. Ela irradiou sempre como servidora da comunidade e das pessoas que dela fazem parte. Foi vital que a Igreja defendeu sempre o mais concreto dos interesses humanos e desempenhou um papel fundamental, com uma forte presença na transmissão da verdade e da salvação a todos.

Nos tempos difíceis a Igreja Católica em Timor-Leste continuava comparecer em público para testemunhar a verdade e defender a vida humana violada. Quando eclodiram revoltas em Díli, Santa Cruz, em 1991, que fizeram muitas vítimas em resultado das ações bárbaras dos militares indonésios, a Igreja Católica estava presente para prestar assistência que foi por vezes interpretada incorretamente pelos militares indonésios e pelo governo civil como intervenção política.

Na altura em que Timor-Leste foi invadido, a Igreja católica em Timor-Leste era liderado pelo D. José Joaquim Ribeiro. Já a partir daí, a Igreja católica em Timor Leste procedeu como sendo a Igreja do povo de Timor. A Igreja que era apenas fazer o trabalho missionário, passo a passo acabou por ser lugar de proteção para um povo torturado e perseguido pelos militares indonésios e empenhou um papel importante de apoio moral e espiritual para aquele povo que não parava a sofrer. E a própria Igreja sentia essa dor na pele. Por outro lado, ela servia-se também como a fonte de informações sobre a opressão do povo após a proibição dos meios de comunicação.

A partir destas referências e investigando em vários livros que tratam a Igreja católica em Timor-Leste durante o tempo da ocupação, alargou-se a pesquisa em várias bibliotecas mas não foi possível de encontrar muitos livros sobre a História da Igreja Católica em Timor-Leste. Há vários autores que escrevem sobre Timor-Leste, mas na

² Goulart, D. Jaime Garcia – *Diocese de Dili – Relatório Referente ao Quinquénio de 1946-1950*, p.29

³ Kohen, Arnold S. – *Por Timor*, Editorial Notícias, 1999, Lisboa, p.226

sua maioria tratam dos assuntos políticos e não do catolicismo em si. Sabendo que em 1999 foi incendiado a Câmara Eclesiástica da Diocese e maior parte dos documentos e arquivos da Igreja católica em Timor-Leste foram estragados por isso também não é fácil de encontrar os materiais para uma dissertação de que fala sobre a Igreja católica em Timor-Leste. A única fonte valiosa sobre a história da Igreja em Timor-Leste é livro escrito pelo D. Carlos Ximenes Belo: *História da Igreja em Timor Leste – 450 Anos de Evangelização*, do primeiro e segundo volume. Com a base deste livro que teve coragem de elaborar o trabalho sobre o catolicismo em Timor-Leste diante da pressão da Indonésia. Mas não só, as coleções das Cartas Pastorais de D. Carlos Filipe Ximenes Belo no livro *Demi Keadilan dan Perdamaian – Pela Justiça e Paz*, também contribui muito. Sublinhando também que foi relevante as pesquisas feitas por online. Nestas pesquisas encontrou umas entrevistas preciosas feita pela Maria José Rodrigues Garrido para a sua tese: *As Lideranças Religiosas no processo de Independência de Timor-Leste*.

A dissertação tem como finalidade deixar alguns aspetos notáveis do catolicismo em Timor-Leste durante a ocupação da Indonésia, embora muito resumida. O trabalho divide-se em três partes. O primeiro capítulo trata da história do catolicismo em Timor-Leste como começou. Neste capítulo vai descrever, embora de forma sintética a introdução do catolicismo à ilha, a rutura e a crise que a Igreja teve nomeadamente com a implantação da República. A situação veio reverter-se quando a Santa Sê e o Governo da República assinaram a Concordata e o Acordo Missionário. Com o respetivo tratado e o surgimento da Diocese de Dili veio beneficiar o desenvolvimento das missões católicas e a propagação da fé em Timor-Leste. Isto veio resultar o desenvolvimento e a influência da ação católica que potenciou uma formação não só no ponto de vista eclesial mas também da política ou social. Assim encorajar mais a intervenção dos leigos na pastoral, como teve feito durante a ocupação da das forças japonesa. Durante a guerra os catequistas nativos fizeram esforços para a fé católica continuasse permanecer naquela “Ilha de Santa Cruz”.

Na segunda parte da dissertação fala do trabalho pastoral desenvolvido pela Igreja católica desde a invasão pelo país predominante muçulmano. Ao ver um povo que sofre a Igreja não podia calar. É aqui que a Igreja Católica desempenhou um papel importante, *voice of the voiceless*. Ao longo deste capítulo algumas dessas atividades católicas. A evangelização foi um campo mais considerável pela Igreja local. A Igreja

teve que trabalhar mais na missão de evangelização, para que aquele que aderisse ao catolicismo não o fizesse a um catolicismo de nome, mas se torna-se um católico na sua totalidade.

Além de destacar evangelização e propagação da fé. Este capítulo trata de uma forma sintética a intervenção da Igreja no campo do ensino, nos serviços sociais e na saúde.

«A situação atual do mundo exige uma ação de conjunto a partir de uma visão clara de todos os aspectos econômicos, sociais, culturais e espirituais. Conhecedora da humanidade, a Igreja, sem pretender de modo algum imiscuir-se na política dos Estados, "tem apenas um fim em vista: continuar, sob o impulso do Espírito consolador, a obra própria de Cristo, vindo ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar, não para condenar, para servir, não para ser servido.»⁴

O empenho e o trabalho realizado pela Igreja católica de Timor-Leste no campo do ensino desde o passado: no tempo da colónia, na ocupação da Indonésia até agora, é considerável e tem impacto muito positivo na vida dos timorenses. A sociedade timorense e o Estado não esquecem o papel da Igreja católica na história do país. Como cristãos e como membros da sociedade cuja vida quotidiana é bastante influenciada pela educação recebidas nas escolas católicas.

No campo social, houve vários tipos de ações e serviços sociais realizados pela Igreja Católica de Timor-Leste com base na Doutrina Social da Igreja. Pode-se dizer que a Igreja Católica em Timor-Leste como também nos outros países é uma Igreja carismática, uma Igreja do povo porque em todo o percurso da evangelização de Timor-Leste, a Igreja não é apenas anunciar as Boas Novas, mas também é capaz de resolver problemas sociais.

A preocupação social da Igreja Católica em Timor-Leste durante os anos da ocupação até agora é um sinal real segurança para o povo de Timor-Leste. «A Igreja atua no procedimento de problemas sociais e lidar com as diferenças flagrantes

⁴ Paulo VI, *Carta Encíclica Populorum Progressio* (1967), acedido a 12 janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html, nº13.

subsistem no desenvolvimento económico, cultura e política»⁵ que causa injustiça e as diferenças que provoca as divisões entre as comunidades. A solidariedade entre a Igreja e o povo era cada vez mais real e sentida.

Saúde também foi um campo mais promovida pela Igreja católica de Timor-Leste durante o tempo da ocupação. Essas atividades na sua maior parte eram desenvolvidas por freiras, pessoas simples, mas os resultados obtidos eram animadores. Indiretamente, este campo também serviu para a evangelização.

A Igreja percebe que as obras de caridade (obras de amor) são dadas pelas freiras através da abertura policlínicas em Timor Leste existiam cerca de 19 Policlínicas / Centros Médicos e um hospital (em Suai) que são geridos por freiras de várias Congregações. As comunidades das zonas rurais expressaram o seu sincero apreço pela dedicação das enfermeiras, parteiras e médicos que trabalhavam nestas instituições de saúde. Foi um orgulho para Igreja católica de ter uma policlínica católica e um hospital católico limpos e de ter profissionais de saúde disciplinados e dedicados.

Por fim, o terceiro capítulo aborda um pouco sobre o sofrimento que o povo e a Igreja atravessaram durante os vinte e quatro anos. A Igreja de Timor-Leste que colocou-se ao lado povo e sentia-se solidário com o povo. Por isso, os líderes da Igreja local, tanto os padres como também os religiosos foram obrigados a exprimir a fé do povo, numa posição que ajuda a compreender e formular melhor essa fé, especialmente porque conhecem a sua linguagem e o seu coração.

Desde o abandono do Timor Português a Igreja Católica levantou-se sempre contra a ocupação bárbara dos indonésios e o seu papel pautou-se sempre pela defesa dos direitos humanos, pela defesa de um povo que lutou pela Libertação Nacional. Aqui nota-se que a Igreja tem o rosto timorense: sofreu com o povo, lutou com povo, caminhou e identificou-se com ele.

A partir do ano 1975 a Igreja Católica timorense veio desempenhar um papel de grande importância, não só no apoio espiritual, humano e material que deu ao povo e aos membros da resistência, mas também na legitimação e credibilização internacional da resistência. Após a invasão, a Igreja colocou-se ao lado do povo, que passou a encontrar nela apoio e local de refúgio. Apesar dos grandes esforços dos militares indonésios para difamar os representantes da Igreja, a Igreja Católica de Timor-Leste

⁵ Paulo VI, *Carta Apostólica Octogesima Adveniens ao Cardeal Maurício Roy* (1971) acedido a 12 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html, nº2.

continuou a ser a pedra angular da luta pela autodeterminação timorense. O Bispo Belo e outros líderes não só acalmar a população de Timor Leste, mas também encorajaram-no no crescimento de um espírito nacionalista que apoiou o movimento de independência. À medida que o cristianismo, nomeadamente o catolicismo se ajustava cada vez mais à cultura local e pregava ativamente a injustiça em Timor-Leste para a comunidade internacional, a voz da Igreja Católica em Timor-Leste se tornava mais forte como a voz do povo. Isso levou a que Igreja que tinha uma influência reduzida na população no momento da invasão, viesse a registar uma grande adesão, com batismos e conversões em grande número.

O catolicismo em Timor-Leste resistiu às tentativas de silenciamento que a Indonésia e o Vaticano tentavam impor. Depois de um período de relativo silêncio, a Igreja Católica timorense começa a fazer ouvir a sua voz, denunciando a situação. A opressão do povo timorense pelos indonésios levou a Igreja na pessoa dos bispos e padres a falar contra as atrocidades e lutar pelos direitos humanos.

Em 1981, o bispo D. Martinho da Costa Lopes, que foi Administrador Apostólico de Dili (1977 a 1983) denunciou publicamente, pela primeira vez, os crimes do exército indonésio e escreveu, em carta dirigida à Cáritas Australiana, a pedir ajuda para o povo esfomeado. A Igreja Católica denuncia não apenas a situação grave que se vivia, mas também reforçou a ideia de que os timorenses não estavam apenas perante uma resistência armada isolada, mas perante uma rejeição generalizada da ocupação. Por causa dessas denúncias o bispo foi afastado do seu bispado.

Na descoberta e no desenvolvimento de identidades e aspirações sociais, o papel da Igreja Católica foi muito essencial na vida das pessoas e sociedade, e o papel da liderança da Igreja já existia muito antes da vinda da República da Indonésia.

A Igreja é movida pela profunda convicção de que ela compete não só o direito, mas o dever de pronunciar uma palavra autorizada sobre as questões sociais e os acontecimentos que afetam a vida social das nações, é muito importante iluminar com seus ensinamentos os momentos atuais que o povo timorense passe.

A Igreja participou com o povo na dor que o oprimiu, no sofrimento que o preocupou e na inquietação que o atormentou. Ela sabe que a maior parte do povo perdeu entes queridos, riqueza, liberdade, propriedade. Por isso, a própria Igreja estava ciente de que as consciências de muitas pessoas se endureceram devido ao terror causado pela guerra e a miséria. E ao olhar para Timor-Leste onde a Igreja sentia-se

idêntica ao povo no cumprimento da sua missão ela nunca foi indiferente ou alheia às mudanças históricas do mesmo povo.

CAPÍTULO 1

O CATOLICISMO ANTES DE DESCOLONIZAÇÃO

1. OS PORTUGUESES E A INTRODUÇÃO DO CATOLICISMO

A missionação de Timor juntamente com as ilhas de Solor e Flores, a partir do século XVI e até ao século XVIII, foi praticamente obra dos dominicanos que tiveram nas mãos o governo da ilha sob a dupla vertente religiosa e civil. Com a expulsão dos institutos religiosos em 1834, as missões quase ficaram abandonadas. Em Timor, com o afastamento dos religiosos, a presença portuguesa, como tal, tornou-se também insignificante pois eram os religiosos que lhe davam consistência religiosa e civil. De facto, ao empenhamento que puseram em construir igrejas, capelas e criar centros de catequese correspondia igual empenhamento em construir e sustentar escolas e centros de assistência. Ao longo do período da extinção missionária que durou quase meio século sucedeu um período de renascimento com a obra clarividente e empenhada do padre António Joaquim de Medeiros.⁶

Entrando no século XX os missionários começaram a esforçar-se para alargar o nobre trabalho da evangelização no oriente. Quando o território que abrangia Timor Português estava a ser ampliado notou-se, do mesmo modo, que o trabalho missionário também duplicou. Recordamos que, no momento em que os portugueses começaram a conquistar os novos territórios, os missionários também procuraram os meios para cumprir imediatamente os seus trabalhos, nomeadamente, cristianizar os habitantes que ainda eram gentios. O dever dos missionários em Timor era ensinar e transformar as crenças que eram praticadas para que se tornassem católicas.

Uma coisa que geralmente acontece é que, onde há uma guerra, deve haver duas partes opostas. O mesmo aconteceu com os habitantes dos territórios conquistados. O

⁶ Padre António Joaquim Medeiros Foi o membro da Sociedade Missionária de Cernache e mais tarde nomeado bispo de Macau (1884-1897). Em 1877, quando fez a sua segunda visita a Timor, investido do cargo de vigário-geral e acompanhado de sete missionários da mesma sociedade para aí trabalharem, que se fez sentir a sua ação dinamizadora e organizadora aos níveis da evangelização e da cultura. Já como bispo introduziu em Timor as religiosas canossianas e abriu caminho aos jesuítas que em 1899 iniciaram as suas missões em Soibada, onde fundaram uma escola secundária que veio a salientar-se na formação de líderes timorenses. Foi também este bispo que abriu à Sociedade de São Francisco de Sales (salesianos) a difundir a sua obra em Macau e Timor.

governo da colónia levou aproximadamente quatro séculos para conquistar todo o território de Timor. Apesar de muitos reinos de Timor terem sido conquistados, a revolta continuou e o povo fez questão de se libertar dos portugueses daquele tempo. Em 1911 houve uma grande revolta que ficou conhecida como a "Guerra Manufahi". Situações como essas abalaram a vida da Igreja mas não foram obstáculos para que os missionários realizassem as atividades missionárias. Foi mesmo na ocasião da guerra que os missionários intensificaram as atividades missionárias. Para facilitar a propagação do Evangelho aos habitantes da ilha, Timor Português, as missões na ilha de Timor tiveram que se dividir em duas vigararias por D. José Manuel de Carvalho sendo confiada a do norte aos padres seculares e a do sul confiada aos padres jesuítas. A missão do norte, com sede em Lahane, agrupava as seguintes missões: Missão de Lahane; Missão de Manatuto; Missão de Lacló; Missões de Laleia e Vemasse; Missão de Baucau, incluindo Fatumaca, Venilale, Ossú e toda a zona leste de Lautém; Missão de Maubara e Liquiça; Missão de Fatomassi (Bazartete) e Missão de Oe-Cusse. A missão do sul abrangia Soibada, como sede, e agrupava a Missão de Barique; Missão de Viqueque; Missão de Lacluta e Luca; Missão de Bibissuço; Missão de Alas; Missão de Same; Missão de Suro; Missão de Bobonaro; Missão de Lacló (Atsabe); Missão de Ermera; Missão de Fatubessi e Missão de Balibó.

Com a implantação da república em Portugal, em 1910, com o investimento da nova legislação contra o catolicismo e a proclamação da separação do Estado e da Igreja, surgiram, novamente, dias sombrios para as Missões de Timor. Muitos dos missionários que se encontravam em Timor sentiram abalar-se-lhes o espírito e foram-se retirando para não assistir à morte lenta das Missões. De facto a instauração da República, em 1910, trouxe consigo não apenas a denúncia do que fora considerado como “ A aliança do Trono e do Altar’ mas também foi estabelecendo um novo enquadramento jurídico para a actividade da Igreja Católica, nomeadamente através da Lei de Separação do Estado e da Igreja em Abril de 1911, que, com a sua radicalização, conduziu ao desenvolvimento de uma política laicizadora das principais instituições da sociedade associada a uma propaganda ideológica vincadamente anticlerical [...]»⁷

⁷ *História Religiosa de Portugal*, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Direção de Carlos Moreira Azevedo, vol. 3, p. 136-137.

O enquadramento do novo regime jurídico, feito pelos políticos do Terreiro do Paço, provocou, mais uma vez, novos obstáculos para o desenrolamento das missões católicas em Timor. Na altura em que o governador Soveral Martins anunciou ao povo a implantação da República, no dia 30 de outubro de 1910, a maior parte do clero e fiéis não se sentiam próximos com este novo regime por ele tomar algumas medidas restritivas contra a Igreja. Uma das medidas que se tomaram depois de proclamação da implantação da República foi a ordem dada aos jesuítas e às canossianas para abandonarem as Missões em Timor: «o governador nomeado no tempo da Monarquia, Alfredo Cardoso de Soveral Martins, foi substituído por Filomeno da Câmara Melo Cabral, tenente da armada; ao novo governador coube a tarefa de estabelecer a lei republicana. As novas autoridades, seguindo o exemplo de Lisboa, puseram em prática o decreto de Afonso Costa, mandando expulsar os jesuítas e as religiosas canossianas.»⁸

Naquele momento havia apenas vinte e dois padres na ilha mas, com a expulsão dos jesuítas, depressa esse número desceu para dez. As irmãs canossianas foram obrigadas a fechar as escolas, onde havia cerca de quatrocentas raparigas, deixaram Timor e após uns anos regressaram mas somente em 1923. Com a expulsão destas duas congregações as missões em Timor entraram em carência. Assim escreveu o futuro bispo de Macau e Timor, P. José da Costa Nunes, num relatório de 1911: «Só quem conhece bem Soibada pode avaliar suficientemente a falta enorme que as Madres Canossianas ali fazem. Tanto o Colégio dos alunos, onde ainda estão 28 internos, como a igreja que, por sinal, ameaça ruína e o novo magnífico edifício, já quase concluído, destinado às religiosas, foram arrolados pelo governo e já entraram na posse do estado, visto serem considerados como propriedade dos jesuítas, e neste caso não se pode admitir reclamação, nos termos do artº 4º do Decreto de 31 de Dezembro de 1910.»⁹

Para que a Missão de Soibada não ficasse interrompida e abandonada o Padre José Neves, que era Superior e Vigário Geral das Missões do Vicariato do Norte, escreveu ao Bispo Dom João Paulino de Azevedo e Castro que os jesuítas antes de sair entregassem a missão ao cuidado do P. João Lopes, que era encarregado da Missão de Barique, enquanto as mobílias e materiais da construção que se encontravam no Colégio Masculino de Soibada foram retirados pelos funcionários do estado apesar dos protestos do Padre José Neves dizendo que os edifícios eram propriedade da missão.

⁸ Belo, Carlos Filipe Ximenes - *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 1º Vol. Fundação Eng. António de Almeida, 2013, Porto, p.393

⁹ Teixeira, Manuel - *As Canossianas na Diocese de Macau*, p. 238

Infelizmente, o impulso evangelizador e promocional a favor do povo timorense foi estancado por um novo golpe contra a Igreja e a sua atividade missionária desferido pelo regime republicano. Passada uma década de turbulência, a Igreja conseguiu recompor-se e reatar a atividade missionária nas colônias com o apoio do estado que foi compreendendo os erros cometidos. Durante o regime republicano aos missionários que se encontravam em Timor foi-lhes dificultada a assistência religiosa aos timorenses, não se reconheceram os benefícios do seu ministério sagrado e apenas conseguiram atuar como simples professores, inteiramente dependentes dos poderes civis adversos à obra das Missões no que ela teve de mais essencial.

O desenvolvimento do regime ditatorial em Portugal, a partir do golpe de 1926, veio temperar o sentimento anticlerical e reforçou o estatuto das missões religiosas no território colonial português. Com o fim da Primeira República e o ressurgimento de Estado Novo retomaram-se as tradições missionárias e protegeu-se, com o maior interesse, a evangelização das populações ultramarinas incluindo, para tanto, nos orçamentos públicos verbas generosas e concedendo a máxima liberdade aos poderes eclesiásticos colaborando, de um modo geral, com verdadeiro empenho na conversão dos povos ao catolicismo como princípio necessário da verdadeira civilização e progresso. É neste clima de lenta e fragmentária recuperação cristã que se enquadra também a entrada dos salesianos em Timor em 1927.

Entretanto, tudo suportaram os missionários para não abandonarem os cristãos, rodeando habilmente todas as dificuldades, até que passaram os primeiros desmandos do novo regime e se entrou numa situação de maior tolerância.

A importância dada ao fim do regime da Primeira República facilitou o trabalho de D. José da Costa Nunes. Assim, ele fez as suas frequentes e salutaríssimas visitas pastorais que lhe permitiram estudar e resolver os mais variados problemas para a vida da Igreja em Timor: o aumento do quadro missionário, a cooperação do elemento indígena na propagação do Evangelho, a difusão da instrução, a formação da alma timorense em moldes de vida rural e simples mas cristã e nobre. Depois da visita a Timor D. José da Costa Nunes percebeu que o projeto de civilizar e cristianizar a ilha somente se efetivaria se houvesse um aumento do pessoal missionário. Foi apresentado o relatório ao governo colonial que indicou o pequeno número de missionários, em Timor, como o ponto mais crítico do projeto de cristianização e, conseqüentemente, da lusitanização de Timor Português. Só em 1937, sobretudo, demonstram um aumento

admirável dos que aderiram à fé católica em comparação com o ano anterior: «os batismos de adultos, por exemplo, que foram 844 em 1936, subiram em 1937 a 1.815, tendo os alunos das escolas passado de 2.330 a 2.979.»¹⁰ Havia ainda quarenta e sete escolas e quarenta e cinco igrejas e capelas. Tudo isto ficava apenas à responsabilidade de vinte missionários. Lembramos que a formação e a educação da comunidade no seu conjunto foram da responsabilidade dos missionários. Por isso, desde a presença dos missionários na ilha de Timor, não houve pastor que não tenha assumido a tarefa de ser professor.

Ainda que não fosse apresentado no relatório enviado ao ministro das Colónias é possível perceber que o Bispo de Macau e de Timor entendeu que havia outras ações dos missionários que seriam úteis para a missão. A construção do lugar do culto era uma das ações dos missionários de Timor naquele período para a cristianização: «Ao concluir este pequeno relatório, levo ao conhecimento de V. Ex^a que inaugurei ultimamente duas igrejas, que ficam sendo as maiores e melhores desta Colónia: a matriz de Díli e a igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Ainaro. A matriz de Díli, para cuja construção tive de arranjar \$150.000.000, é um magnífico edifício, que honra não só as missões, mas também a própria Colónia de Timor.»¹¹

A observação do Bispo de Macau e de Timor sobre a Igreja em Timor, ao falar da baixa quantidade de missionários e da alta quantidade de pagãos, lançava como sugestão para os agentes do Estado Português um incentivo ao envio de missionários para «reforçar quanto antes com muito santos obreiros evangélicos o punhado de missionários que lá trabalham pela extensão do reinado de Cristo nas almas.»¹²

Começaram então a chegar regularmente a Timor sacerdotes zelosos esmeradamente formados no vetusto e glorioso Seminário de Macau; aparecem as primícias do clero indígena timorense, preparado no mesmo Seminário; cria-se uma Escola de Professores - Catequistas, que tem dado os melhores frutos; construí-se na Missão de Soibada um espaçoso Colégio feminino; multiplicam-se as escolas rurais destinadas ao ensino das primeiras letras e de trabalhos agrícolas; levantam-se por toda a parte simples capelas e templos espaçosos, entre os quais a majestosa catedral de Díli;

¹⁰ “Números missionários”. Boletim Geral das Colónias, Lisboa, Vol. XIV, nº 161, 1938, p. 139.

¹¹ *Missões de Timor* – Boletim Geral das Colónias, Lisboa, vol. XIV, nº 154, 1938, p. 184.

¹² *Números missionários* – Boletim Geral das Colónias, Lisboa, Vol. XIV, nº 161, 1938, p. 139.

imprime-se, enfim, à vida destas Missões um ritmo de vida que fazia prever para um futuro próximo a cristianização geral da ilha.¹³

Foi neste aumento do pessoal missionário que se criou a Diocese Dili pela Bula “*Solemnius Conventionibus*”, de 4 de setembro de 1940, pelo Papa Pio XII.

Resumidamente, as missões locais em Timor Português atravessaram graves crises, nomeadamente nos meados do século XVIII, com a diminuição das missões dominicanas mas, sobretudo, com a expulsão das ordens religiosas em 1838 e a implantação da República em 1910. Sendo assim, a Igreja Católica resistiu inabalável a todas as ameaças e violências. É nesta situação de turbulência que a messe do Senhor começou a “loirejar” com magnífico esplendor.

2. A INTENSIFICAÇÃO DO CATOLICISMO

A mudança do regime e da separação dos poderes em Portugal implicou as atividades eclesíásticas não só no país como, também, em todo o território colonial português, incluindo Timor. As atividades missionárias quase ficaram paradas de modo que os fiéis foram abandonados mas não para sempre porque o sofrimento logo acabaria quando o novo Governo português voltasse a apoiar as atividades e missões católicas. As atividades missionárias da Igreja em Timor pareciam ter voltado a receber luz.

A partir do momento em que as relações entre a Santa Sé e o Estado Português se normalizaram, através da assinatura da Concordata, do Acordo Missionário assinado em 7 de Maio de 1940 e da publicação do Estatuto Missionário a 5 de Abril de 1941, punha-se termo à questão religiosa suscitada com a implantação do liberalismo e, mais tarde, agravada com a implantação da República. A ação missionária e católica nos anos que se seguiram teve um importante incremento. No ano 1940 o Presidente do Conselho António Oliveira Salazar assinou a Concordata com a Santa Sé. Este facto proporcionou um bom relacionamento entre a Igreja Católica e o Estado português beneficiando o desenvolvimento das missões católicas no Ultramar Português e em Timor Português.

¹³ Cf. Goulart, D. Jaime Garcia, *Relatório Referente ao Quinquénio 1946-1950*, p.4.

Foi a partir da assinatura da Concordata, que foi ereta a nova diocese pelo papa Pio XII, com a bula *Solemnibus Conventionibus*: «[...] Finalmente, a Ilha de Timor, na região dependente da república Portuguesa, até agora da jurisdição diocesana de Macau, separamo-la do território desta diocese, erigimo-la em nova diocese que se chamará de Dili, e constituímo-la sufragânea da Igreja Metropolitana de Goa, e sujeitamos os seus bispos pró tempore ao bispo Metropolita do Arcebispado de Goa e Damão [...]»¹⁴

Durante muito tempo, a Igreja timorense dependeu do arcebispo de Goa, do bispo de Malaca e do bispo de Macau (1875-1940) até ser criada a diocese de Díli pelo acordo missionário de 1940. Tendo em conta a distância entre Macau e Timor e as grandes diferenças culturais e pastorais entre os dois territórios D. José da Costa Nunes (na altura Bispo de Macau e Timor) solicitou à Santa Sé a criação da nova Diocese no território de Timor Português.

De acordo com o Boletim *Seara* as missões em Timor Português visavam estabelecer a Igreja naquele território: «Assinala-se como objetivo formal das Missões, como razão de ser, o estabelecimento da Igreja visível nos países onde ainda não existe.»¹⁵ Esse foi idealmente o principal objetivo da Igreja Católica em Timor Português naquele período apesar de haver, concomitantemente, o intuito de produzir conversões e de nacionalizar lusitanamente o território e as populações de Timor. Nesse sentido, a missão católica em Timor Português, administrada pela Diocese de Díli, tentou produzir cristãos e permitir que a Igreja se reproduzisse autonomamente naquele local.

Os missionários em Timor-Leste, nomeadamente com a criação da Diocese de Dili, começaram a ter abrigo próprio. E, por ter a sua própria diocese, todos os assuntos relacionados com a diocese não tinham de ir até Macau. A Diocese de Díli ficou com a responsabilidade de todo o território do chamado, então, Timor português. Antes da ereção desta diocese todo o território de Timor português estava incluído num vicariato supervisionado pela Diocese de Macau. Desde 1940 até 1996 a diocese abrangia todo o território de Timor Leste. A partir de então, com a criação da nova Diocese de Baucau e da Diocese de Maliana em 2010 a Diocese de Díli ficou reduzida e a territorialidade da Igreja Católica foi redefinida nas três dioceses que apresenta actualmente.

¹⁴ AAS, Annus XXXVI, Series II, Vol. XII, MDCCCXLV, p. 296.

¹⁵ Colaboração da metrópole. *Seara*, Díli, ano 1, nº 9, setembro de 1949.

Em 1941, foi nomeado o Padre Jaime Garcia Goulart como administrador apostólico. No entanto, em março de 1942, a sua atuação como administrador apostólico da Diocese recém-criada foi interrompida e as missões de Timor entraram em decadência pelas invasões consecutivas das tropas Australianas e das japonesas situação decorrente dos conflitos da Segunda Guerra Mundial. A invasão das tropas nipônicas traduziu-se em destruições maciças, em massacres de timorenses, portugueses e chineses, em perseguições e prepotências de toda a ordem. Foram incendiadas várias aldeias e vilas. Os números oficiais demonstraram que a população de Timor oriental diminuiu, efetivamente, durante o período de 1930-1946, de 472.000 para 403.000 habitantes. Só durante a ocupação dos japoneses a Igreja de Timor perdeu «quatro sacerdotes, quatro mil cristãos, setenta edifícios, entre igrejas, capelas, residências missionárias e escolas.»¹⁶ Diante das hostilidades das tropas nipônicas, da situação de fome e de insegurança alguns sacerdotes, religiosos e religiosas abandonaram Timor. Entre eles contou-se o administrador apostólico eleito.

Entretanto, outros missionários mantiveram-se em Timor mas a atuação da Diocese como um todo ficou abalada. Mesmo assim a fé católica manteve-se graças, também, ao esforço e fidelidade de alguns catequistas nativos. Segundo D. Carlos Filipe Ximenes Belo, «alguns catequistas conseguiram manter a fé católica nas povoações isoladas, nas grutas e nos esconderijos nas florestas. Para evitar as profanações, os catequistas e alguns fiéis salvaram imagens, estátuas, vasos sagrados e outras alfaías, levando-os de um lado para outro ou escondendo-os nas cavernas.»¹⁷

Embora houvesse guerras que provocaram muitas vítimas e o número dos fiéis católicos, que era 30 000, declinasse para 26 000 o número dos que aderiram à religião católica nunca diminuiu. Graças à tenacidade dos missionários os resultados não diminuiram. Eles nunca desistiram da missão recebida de Cristo apesar de ter havido revoltas e guerras com frequência. Mesmo sabendo que o número de pessoal missionário e catequistas, naquela época, era muito pequeno comparado com ao número dos fiéis que se encontravam na ilha eles não desistiram.

Pode-se dizer que durante segunda Guerra Mundial Timor estava miserável em todos os aspetos. Até alguns *Liurais* se distinguiram, na altura, pagando com a vida a

¹⁶ Belo, Carlos Filipe Ximenes, *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, 2016, p.118.

¹⁷ *Ibid*, p.117.

sua lealdade a Portugal. Os mais conhecidos foram D. Aleixo e D. Jeremias. Em setembro de 1945 quando os militares portugueses retomaram a posse do território precederam à reconstrução de edifícios e infraestruturas, que tinham sido seriamente danificados pela ocupação japonesa. Logo que os sacerdotes e os religiosos que tinham fugido para a Austrália regressaram a Dili começaram as atividades pastorais: «reabre as missões, colocando nelas os sacerdotes que conseguiram sobreviver à guerra, e dá todo o apoio à abertura de escolas primárias tanto em Dili como no interior do território.»¹⁸

Os missionários começaram a ser realocados no território a partir de atos do Bispo Jaime Garcia Goulart e a ação pastoral da Igreja volta a intensificar-se em grandeza: «No final do ano 1945 os católicos eram apenas 26 669. No ano 1946, o número de cristãos era de 29 328 com aumento dos mais 2659 fiéis, isto é, uma percentagem de 9,9 %, e os catecúmenos eram 6272. O pessoal missionário aumentaram mais 9 (em serviço ativo), 2 sacerdotes salesianos, 3 irmãos coadjutores (com a denominação de pessoal auxiliar, 15 irmãs canossianas que estavam todos no Colégio da Imaculada Conceição de Soibada. Trabalhavam nas missões e nas escolas das missões 33 professores indígenas e 53 catequistas.»¹⁹ Portanto, a população de Timor pode considerar-se integrada nos princípios da civilização graças, em grande parte, à magnífica cooperação indígena. Pelo mesmo motivo, Timor Português goza de uma paz e tranquilidade pouco vulgares nos tempos que vão correndo sobretudo naquelas regiões.

Pelo facto de crescer em grandes proporções o número dos católicos exigiu mais ainda do pessoal missionário. Em 1947 chegaram mais missionários vindos de Portugal e da Índia. Estes missionários foram colocados em diversas missões em Timor mas não se resolveu o problema, como assinalou Dom Jaime Garcia Goulart: «A população cristã cresce em proporções cada vez mais avultadas sem que a esse acréscimo corresponda aumento de pessoal missionário. Nestas condições, é de recear não se poder manter o atual movimento de conversões nem prestar aos convertidos a necessária assistência. Como só daqui a dez anos, pelo menos, o futuro Seminário Diocesano, a sair do atual Seminário Preparatório, começará a fornecer clero indígena, é necessário, no entretanto, recorrer, como se está fazendo, a Diocese estranhas. Melhor seria, porém,

¹⁸ *Ibid*, p.121.

¹⁹ *Ibid*, pp. 122-123.

obter o concurso de algum Instituto Religioso, sobretudo dos Salesianos já estabelecidos na Diocese.»²⁰

Estava ao serviço da Diocese de Dili o clero secular. Além deste trabalhavam na Diocese outras congregações religiosas: Salesianos e Canossianas. Nas suas atividades propriamente missionárias, tanto os Salesianos como as Canossianas tinham prestado, e continuavam a prestar, o mais precioso concurso à obra da evangelização de Timor sobretudo no campo do ensino e educação cristã da juventude. A cooperação destes missionários é utilíssima e é indispensável na Diocese. Todos eles nas suas relações com os cristãos, eram os missionários caridosos e paternais, observavam perfeita uniformidade de ação quer no exercício das suas funções sagradas, quer no desempenho dos seus cargos, quer no cumprimento das obrigações do seu estado. Todos os missionários se mostravam, habitualmente, diligentes, atentos e irrepreensíveis.

«Na pregação da palavra divina, são todos os missionários zelosos e assíduos. Não há missionários exclusivamente dedicados a este ministério entre os pagãos. A instrução dos catecúmenos é confiada, principalmente, aos catequistas sempre orientados e assistidos pelos missionários, que se reserva as instruções finais de preparação para o batismo.»²¹

Desde a ereção da diocese notou-se na população timorense, sobretudo após a última guerra, mais que boa disposição, intenso desejo de abraçar a fé católica. Quase em toda a parte do território de Timor, os gentios reclamavam missionários e catequistas. O problema das conversões, portanto, residia apenas na impossibilidade de atender a tão numerosos e insistentes pedidos por falta de missionários e de catequistas bem preparados e em quantidade suficiente. Todos os sacerdotes eram unidos e dedicados nos seus deveres missionários. Assim os descreveu D. Jaime Garcia Goulart: «Entre eclesiásticos, regulares e seculares, indígenas e não indígenas, reinam os laços da estreita união, caridade e concórdia. A nenhum sacerdote falta oportunidade de se confessar frequentemente nem de encontrar no convívio com outros colegas, alento e estímulo nos seus trabalhos apostólicos. Todo clero faz anualmente em comum retiro espiritual durante pelo menos quatro dias. Está rigorosamente prescrito e é observado o

²⁰ Goulart, D. Jaime Garcia, *opcit*, p.43.

²¹ *Ibid*, p.18.

uso de hábito talar – batina branca - em todas as funções sagradas e, em geral, sempre que se tenha de aparecer em público. Em viagem, porém, e em casa, permite-se o uso de trajes seculares sempre decentes. A inclemência do clima e a incomodidade dos meios de transporte quase que impõe esta tolerância.»²²

Dantes, só os cuidados dos fiéis católicos chegaram para absorver todas as atividades eclesíásticas. Assim, o trabalho da instrução dos catecúmenos recaiu quase inteiramente sobre os catequistas indígenas: «A cada catequista era atribuída uma zona mais ou menos extensa, na qual, de harmonia com as conveniências dos catecúmenos, se escolhiam vários pontos de reunião, onde o catequista comparecia em dias determinados para ministrar o ensino catequético. A partir do momento em que se inscreviam, tomavam os catecúmenos parte na vida religiosa da cristandade, reunindo-se com os cristãos para a oração em comum e assistindo a todos os atos do culto sempre que o Missionário passou em visita. Este teve, assim, ocasião de frequentemente os examinar. Quando os julgava suficientemente instruídos nas verdades cristãs, organizava um curso de instruções dadas por ele mesmo numa visita mais prolongada e administrava-lhes o Baptismo, ficando os neo-convertidos adstritos á Estação Missionária local.»²³

Em todas as escolas se davam diariamente lições de doutrina cristã aos alunos. Aos alunos católicos das Escolas do Estado estava assegurada instrução religiosa. Todos estes esforços e metodologia dada veio impulsionar mais as atividades missionárias.

Segundo os dados, em 1950 o número de católicos da Diocese de Dili alcançou 42.621. Maior parte deles são indígenas (timorenses). Estes, «Cumprem escrupulosamente os seus deveres religiosos e, sobretudo nas cristandades já formadas, têm um nível de vida moral relativamente elevado. Não se pode, infelizmente, dizer outro tanto dos mestiços, em geral, e de muitos indígenas civilizados, mais atingidos pelo mau exemplo dos europeus. Estes, na sua grande maioria, omitem com frequência o cumprimento dos mais elementares preceitos religiosos, levando, em muitos casos, uma vida absolutamente repreensível sob o ponto de vista moral.»²⁴

Era grande a devoção dos fiéis ao Santíssimo Sacramento. Naquele período era mínima a percentagem dos fiéis indígenas que faltavam ao cumprimento dos preceitos

²² *Ibid*, pp. 17-18.

²³ *Ibid*, p.20.

²⁴ Cf. Belo, Carlos Filipe Ximenes – *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, p. 126.

da Igreja apesar de viverem num ambiente predominantemente pagão e impregnado de superstições. «São, duma maneira geral, os fiéis muito diligentes em guardar os domingos e dias santificados. Nem a todos, porém, é fácil assistir à Missa nesses dias. Podem fazê-lo e fazem-no com regularidade os que residem à volta das sedes de Missão. É igualmente avultado o número dos que, residindo nas Estações Missionárias mais afastadas, se não poupam ao sacrifício de longas caminhadas a pé ou a cavalo para com edificante piedade, ouvirem Missa, confessando-se e comungando. O maior número, porém, tem de se contentar com reunir-se na capela da própria Estação para a oração em comum e para assistir à explicação da doutrina feita pelo catequista.»²⁵

Depois vários séculos com a missão católica e com a intervenção dos missionários em Timor tem havido um crescimento contínuo de católicos. Em 1973, no bispado de Dom José Joaquim Ribeiro, houve um crescente número dos católicos. Eram 202 850 católicos numa população de 668 769 habitantes.

Pelo menos durante o período da colonização toda a organização social, doméstica e religiosa subsistia em benefício, defesa e culto dos antepassados. O timorense vivia abatido sob a preceito de assistência à velhice, com absoluto descuido pelas gerações futuras. Tal sistema prejudicou imensamente o esforço da soberania portuguesa empenhada na educação e no progresso da população. Muito se vem conseguindo já sobretudo através das Missões que fizeram chegar a influência benéfica dos princípios cristãos a toda a parte corrigindo, até entre os gentios, costumes e prescrições pagãs.

Pode-se afirmar que o período a seguir à Segunda Guerra Mundial, marcado sobretudo pela criação da Diocese de Dili em 1940, trouxe um novo dinamismo à ação da Igreja católica. Mas a situação católica, criada pela guerra civil em 1975 e a subsequente intervenção da Indonésia, veio aglomerar ainda mais a população timorense ao redor da Igreja. Isto tudo verifica-se no aumento quer das atividades quer dos agentes que intervêm nas tarefas pastorais, sócios-económicos e culturais.

²⁵ Goulart, D. Jaime Garcia, *opcit*, pp. 28 – 29.

CAPÍTULO 2

AS ATIVIDADES CATÓLICAS DURANTE A OCUPAÇÃO DA INDONÉSIA

Timor Leste teve uma longa história em comum com Portugal desde século XVI até século XX. Foram 450 anos de colonização. Em 1974, depois de derrubado o regime do Estado Novo em Portugal, o abalo sentido nos restantes territórios sob a soberania portuguesa foi grande. A queda do regime resultou na aparição de vários partidos políticos defendendo cada um deles o seu modelo e seu pensamento ou suas ideias. Em Timor-Leste surgiram cinco principais partidos políticos: FRETILIN, UDT, APODETI, KOTA e Partido Trabalhista. Os dois primeiros partidos insistiram em que a independência é a única via possível para que o povo seja libertado da exploração e opressão sobre todas as suas formas. Enquanto isso, o APODETI, favorecia a integração na Indonésia. Apoiava, assim, uma integração com um estatuto de autonomia interna no seio da República Indonésia no pleno respeito das regras internacionais em vigor. O KOTA, partido monárquico, era defensor dos *liurais* como dirigentes nacionais. Com a quebra da coligação entre FRETILIN e UDT e com as diferenças ideológicas entre todos os partidos políticos gerou-se uma guerra civil em Timor-Leste.

O Estado Indonésio que estava atento ao que se passava na antiga colónia portuguesa, com apoio dos Estados Unidos, aproveitou esta ocasião para invadir Timor-Leste e, em 7 de dezembro de 1975, a Indonésia tomou o poder sobre o território. A brutalidade e a exploração realizadas no território provocaram muito sofrimento. As lágrimas e o sangue encharcaram Timor-Leste. Desde então as páginas da história de Timor-Leste foram preenchidas com choro e ranger de dentes, rancores e ódio. A situação foi piorando e vários edifícios na capital do país foram destruídos, foram saqueados também vários espaços e obras sociais da diocese.

[...] os fuzileiros navais e os Comandos largados em para-quedas sobre a cidade de Dili. Os principais edifícios foram poupados, mas as casas particulares e as lojas sofreram saques e assaltos. Em Lahane, foi destruída a residência dos

padres e, em Dare, o edifício do Seminário de Nossa Senhora de Fátima foi bombardeado e destruído.²⁶

A invasão, que contou com mais de dez mil forças especiais da Indonésia, começou com o bombardeamento naval contra os militares, metropolitanos-militares FRETILIN, na cidade de Dili. Desde então Timor-Leste mergulhou no genocídio e o governador Mário Lemos Pires, sem orientações precisas de Lisboa e com forças militares insuficientes para reimpôr a autoridade portuguesa, abandonou a capital e refugiou-se na ilha de Ataúro. Dois meses depois do exílio de Lemos Pires, em Lisboa aos 17 de julho de 1976, Timor-Leste foi associado à República Indonésia (NKRI)²⁷.

De 1977 a 1979 Timor-Leste sofreu uma crise humanitária espantosa donde resultou a morte de dezenas de milhares de pessoas. Por outro lado, um grande número de membros da resistência timorense rendeu-se e foram detidos pelos militares indonésios. Estes, muitas vezes, estiveram sem acesso a bens alimentares e outras necessidades básicas. Depois de longa data, em 1979 é que, o Comitê da Cruz Vermelha (CICV) e o Catholic Relief Services (CRS) foram autorizados para prestar assistência em Timor. Nos anos seguintes a situação manteve-se, embora não fosse tão grave quanto ao que tinha acontecido em 1975, e essa crise continuou até que o país conquistou a independência.

Perante a situação política desagradável em que o povo de Timor viveu, a Igreja sentiu-se sôfrega, angustiada e preocupada. Ela identificou-se e configurou-se com o povo. Considerou que a alegria e a esperança, a tristeza e a ansiedade do povo Timor Leste foram também da Igreja ou dos discípulos de Cristo (cf.GS.1), como escreveu Dom Carlos Filipe Ximenes Belo: «A Igreja de Timor-Leste participa com o povo na

²⁶ Belo, Carlos Filipe Ximenes – *Dili a Cidade que não Era*, Porto Editora, 2014, Porto, p. 86

²⁷ República da Indonésia (NKRI) é dividido em províncias e a província é dividida em distritos, cada qual é regulado por lei, onde o governo regional pode exercer a maior autonomia possível, conforme determinado pela Constituição de 1945. Com base na Constituição, Pode-se dizer que NKRI em geral é um país composto por milhares de ilhas, rodeados por dois oceanos e dois continentes, constituídos por centenas de milhões de habitantes. Deste modo, a diversidade da ilha e da população origina a diversidade de culturas e costumes diferentes, soberanos, justos, prósperos e traduzidos num vínculo, que é, unidade na diversidade.

tristeza que os pressiona, no sofrimento que os preocupa e na inquietação que os tortura.»²⁸

O problema de Timor-Leste agravou-se e perturbou constantemente a vida das lideranças religiosas para que tivessem contribuído na resistência e na defesa do povo maubere. A própria Igreja, isto é, as igrejas, os conventos e as residências dos sacerdotes tornaram-se refúgios da luta.²⁹

Foram os sacerdotes, os religiosos e as religiosas os grandes defensores do povo não só por denunciarem o abuso contra os direitos humanos, contra a justiça e a paz que eram sistematicamente praticados sobre os timorenses, mas, também, por afirmarem a identidade cultural lutando para manter a língua Tétum como língua do país e mantendo os valores morais e cristãos.

Alguns padres acompanharam as populações na sua fuga para o mato. Lá continuaram a exercer os seus ministérios. Outros ficaram nas vilas e aldeias invadidas mas todos viveram os terrores da ocupação militar indonésia cuja brutalidade exterminou um terço da população de Timor-Leste. Quase todos os membros do clero fortaleceram, no sofrimento, a sua união ao povo timorense partilhando o repúdio ao invasor e as suas aspirações à libertação.

A posição da Igreja Católica em Timor-Leste foi sempre firme em defender e conciliar os valores humanos e cristãos. A doutrina do Concílio Vaticano II *Gaudium et Spes* e CIC 287§2 aconselha que os clérigos não se envolvam ativamente na política mas, por outro lado, a Igreja tem o dever moral de intervir no afrontamento político para defesa dos direitos da Igreja e do Bem comum. A mediação eclesial, que decorreu em todos os níveis da vida das resistências, veio vincar mais a importância da Igreja na vida política dos líderes da resistência tanto em termos individuais como em grupo. Portanto, os membros do clero e os religiosos funcionavam, também, e deste modo, como elemento fundamental da sua identidade política o que, pouco a pouco, se tornou um papel decisivo na vida dos timorenses.

²⁸ Belo, Carlos Filipe Ximenes – Carta a todos os fiéis da Diocese – in *Demi Keadilan dan Perdamaian*. Direção de Peter Tukan e Domingos de Sousa, Editor Komisi Keadilan dan Perdamaian Dioces Dili, 1997, pp. 105-116.

²⁹ cf. Crowe, Louise – *The impact of the Indonesian annexation on the role of the Catholic Church in East Timor, 1976-1995*, Master of Arts Thesis, Northern Territory University, 1996, acedido a 12 de setembro de 2020,

(https://ris.cdu.edu.au/ws/portalfiles/portal/23681812/Thesis_CDU_6143_Crowe_L.pdf)

«A Igreja é obrigada a estudar os sinais do passado, interpretando-os à luz do Evangelho. Porque a Igreja quer ajudar as pessoas a alcançar um desenvolvimento perfeito, a fim de realizar o interesse público, a se tornarem mais humanas. A Igreja sente obrigação moral de trazer justiça, paz, amor e liberdade [...].»³⁰

A Igreja nunca se sentiu oposta ao princípio e ao sofrimento do povo e ela esteve a par da situação que o próprio povo enfrentou. Afirmou o bispo português, D. José Joaquim Ribeiro³¹, o grande e intransigente defensor dos timorenses, numa das suas Cartas Pastorais: Qualquer que seja a posição da Igreja Católica em Timor-Leste, é aceitar a situação escolhida pelo povo Timor-Leste.

A Igreja utilizou várias maneiras e fez várias tentativas para superar a crise humanitária. Incentivou, ainda, o governo indonésio para reduzir as forças armadas e as instituições que atemorizaram o povo. Advertiu que fosse garantida aos timorenses uma atmosfera de liberdade, onde pudessem expressar as suas opiniões e tomassem decisões livremente. Essa crítica de índole moral, por parte da Igreja, e a contradição dos costumes religiosos praticados pelos indonésios estimulou ainda mais os líderes da Igreja Católica de Timor-Leste a levantar a voz para que a vida humana fosse respeitada.

A força moral e intelectual dos dirigentes da Igreja Católica pôs-se ao lado do seu povo sacrificado por tantos massacres ao longo de várias décadas. Os dirigentes da

³⁰ cf. Belo, Carlos Filipe Ximenes – *The Document of the East Timor Catholic Church on East Timor Nowadays*, 1994, Dili, acedido a 17 de março de 2020, <http://etan.org/timor/church.htm>.

³¹ Dom José Joaquim Ribeiro tomou conta da diocese de Dili a partir de fevereiro de 1967 até 1977. Ele esteve sempre ao lado do povo timorense. Entrou muitas vezes em choque com as autoridades, mas costumava dizer que a sua ida a Timor - Leste tinha sido precisamente para se identificar com os mais pobres e trabalhar para o reino de Deus naquela Ilha, contribuindo ao mesmo tempo para o desenvolvimento socioeconómico daquele povo. As suas cartas pastorais sobre alguns problemas mais candentes de Timor, o estilo frontal, lógico e persuasivo dos seus sermões causaram-lhe dissabores que nunca o desanimaram na denúncia de erros e injustiças sociais. O Bispo resignatário da Diocese de Dili foi sempre fiel aos ensinamentos da Igreja, e procurou sempre manter a neutralidade da Igreja. Contudo, nunca deixou de indiretamente incidir a luz do evangelho na vida política timorense. E quando viu abusos de certos líderes timorenses, enfrentou-os corajosamente para lhes denunciar os crimes e atos desumanos por eles praticados.

Igreja, de maneira corajosa, enfrentaram os graves problemas da ilha provocados pelas autoridades indonésias.

Na época da reorganização política em Timor-Leste, por volta do ano 1981, abriu-se a porta para todos os timorenses e todos os componentes da sociedade timorense participarem, diretamente ou indiretamente, e contribuírem na libertação do povo timorense. A Igreja Católica perante este apelo agiu de uma forma defensora através dos seus bispos, padres, religiosos e religiosas. Muitos padres e religiosos sofreram na pele esta dura realidade. Alguns deles foram assassinados não por disputarem o território mas pela defesa da paz e da justiça. A Igreja foi uma força vital para a resistência e não só. No nível social fez ainda assistência às pessoas em sofrimento e famintas. Foi também a Igreja quem facilitou a comunicação para fora, isto é, servia como ponto de ligação. Como os religiosos tinham muito contato com o povo serviam como ponto de ligação para que certas informações chegassem ao exterior que estava a fazer todo o trabalho de apoio nas ligações para fora e no apoio à crise humanitária. Sem a Igreja a crise em Timor poderia durar muito mais tempo e a resistência não poderia ter subsistido.

«Toda a resistência, toda a interligação e informação da resistência (que estava nas montanhas) para as vilas ocupadas pelos indonésios e de Timor para o Mundo passou pela Igreja»³²

O Concílio Vaticano II que foi realizado, ou melhor, se concluiu, dez anos antes da invasão da Indonésia permitiu que os recursos e as redes do Vaticano servissem para defender a verdade, a paz e a justiça sobretudo dos pobres e dos miseráveis. Neste sentido, o Vaticano teve recursos e influências importantes no caso de Timor-Leste. Aí, receberam informações completas sobre a situação e a aspiração da Igreja local que era considerada, também, uma responsabilidade do Vaticano. Timor-Leste era, então, o maior dos embaraços para o Vaticano que bem desejava que lhe afastassem esse cálice. A Santa Sé brandia como argumento, para a prudência, a situação de dois milhões de católicos na Indonésia, submersos numa população de 200 milhões. A postura do

³² Entrevista a Luís Costa, acedido 5 de janeiro de 2020, https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27929/3/ulfl233809_tm_Anexos_Entrevistas.pdf, p. 4.

Vaticano, em relação à situação de Timor-Leste, era de alguma fragilidade. Digamos que o Vaticano tinha um pouco de receio em intervir no problema de Timor porque tudo o que o Vaticano fizesse em relação a Timor-Leste, se fosse do desagrado da Indonésia, podia criar mágoas e grandes problemas aos católicos na Indonésia. Sendo que, na época, houve personalidades influentes da minoria católica que integravam as estruturas do regime indonésio, com particular relevonas forças armadas.

O Núncio Apostólico em Jakarta comentou ainda a carta do Bispo da Diocese de Dili ao Secretário-geral da ONU, no dia 6 de fevereiro de 1989, que dizia: «o povo timorense deve ser ouvido através de um plebiscito sobre o seu futuro. Até agora ainda não foi consultado.»³³ O Núncio dizia que, a carta não refletia as aspirações da Igreja católica nem do povo timorense. Esta afirmação do Embaixador do Vaticano em Jakarta levou o clero de Timor-Leste a responder-lhe severamente. «O clero de Dili rejeita as opiniões manifestadas por certas personalidades eclesíásticas [...] esperemos que o nosso apelo ajude os poderes públicos e eclesíásticos a compreender o que sentem a Igreja e o povo de Timor-Leste e que está expresso na Carta de 6 de fevereiro.»³⁴

Com a visita do Papa em outubro de 1989 veio mudar tudo. Essa visita voltou a chamar a atenção da comunidade internacional para a situação em que se encontrava Timor-Leste e recolocou o país no mapa do mundo e na agenda internacional. D. Carlos Filipe Ximenes Belo, que era Bispo da Diocese de Dili, dizia que o líder da Igreja Católica Sua Santidade João Paulo II «desde que foi eleito em outubro de 1978, tem acompanhado de perto a vida social e política do Povo Oriental e a situação da Diocese de Dili. Depois de ter recebido notícias concretas sobre Timor do Monsenhor Martinho da Costa Lopes (junho de 1983) e do Monsenhor Carlos Filipe (junho de 1985 e fevereiro de 1988, o Papa não tem cessado de rezar pelo Povo de Timor e pela nossa Diocese. Ele sabe que em Timor a maioria da população é católica, grande devota a Nossa Senhora e que alimenta grande amor ao Santo Padre. Ele sabe também que em Timor Leste se sofre, se morre que há abusos de direitos humanos. E sabe também que,

³³ Durand, Frédéric – *Catholicisme et Protestantisme dans l'île de Timor: 1116-2003*. Apud Citado em Carlos Filipe Ximenes Belo, *História da Igreja em Timor Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, p.319

³⁴ *Timor – Leste: 20 anos de ocupação – 20 anos de resistência*. Texto Anónimo. Lisboa: Edição A Paz é Possível em Timor – Leste, p. 39.

apesar de todas as dificuldades, o povo de Timor-Leste tem sabido manter-se firme na sua fé católica.»³⁵

Já em grande dor pelos acontecimentos de 1999, que foi conhecido como *setembro negro*, o próprio papa na sua carta dirigida aos Administradores Apostólicos revelou profundamente a sua solidariedade com povo de Timor-Leste declarando:

«Condenando com firmeza a violência, que se desencadeou furiosamente contra os membros e a propriedade da Igreja católica, imploro aos responsáveis pelos inúmeros actos de perversidade a fim de que abandonem as suas intenções sanguinárias e destruidoras. Formulo votos do íntimo do coração por que, quanto antes, a Indonésia e a Comunidade internacional ponham fim ao massacre e encontrem modos eficazes para corresponder às legítimas aspirações da população timorense.»³⁶

A Igreja Católica de Timor-Leste teve três líderes importante durante a ocupação da Indonésia: Dom José Joaquim Ribeiro, Dom Martinho da Costa Lopes e Dom Carlos Filipe Ximenes Belo. Desde que a Indonésia invadiu Timor-Leste os três líderes fizeram grandes esforços para acabar e impedir os atos violentos através do diálogo. A partir de 1983 a Igreja Católica apelou à autodeterminação porque estava convencida que este direito coletivo é a chave para alcançar a verdadeira paz.

Durante a ocupação havia mais católicos em Timor-Leste do que quando os portugueses saíram. Isto porque a Igreja Católica tornou-se símbolo da identidade cultural e religiosa e, conseqüentemente, da resistência à ocupação. Quando, em 1988, D. Ximenes Belo é elevado ao Episcopado, a população já compareceu em massa para o saudar. A participação ativa da Igreja em favor da paz e da defesa dos direitos humanos em Timor-Leste fez aumentar o respeito do povo, mas também aumentou o repúdio, pressões, críticas e até ameaças por parte das autoridades indonésias. Ainda em 1989, na

³⁵ Belo, Carlos Filipe Ximenes – Carta Pastoral datada em 15 de abril de 1989, acedido a 19 de março de 2020, <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05002.062>

³⁶ *Carta do Papa João Paulo II aos bispos de Timor-Leste*, setembro de 1999, acedido a 20 de março de 2020, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_19990909_east-timor.html

visita que o Papa João Paulo II fez a Timor-Leste e que representou um marco importante na administração apostólica de D. Ximenes, permitiu-se uma maior visibilidade à luta independentista do povo timorense, sobretudo graças aos protestos de jovens ativistas anti-Indonésia no final da celebração eucarística.

Por outro lado, os timorenses tiveram apoio dos portugueses para superar este martírio. As preocupações de Portugal sobre Timor foram legítimas. Ao longo da história Timor-Leste nunca negou os esforços e trabalhos realizados pelos portugueses. De facto, Portugal deixou as suas marcas em Timor-Leste ao longo de 450 anos sobretudo a fé ao catolicismo que virá a ser identidade do país. Ainda, até hoje, o povo timorense preserva os laços de amizade e cultura com o povo português na continuidade de quatro séculos de convivência. Os portugueses conseguiram formar, em Timor, uma sociedade tipicamente católica em contraponto à Kupang, a outra parte da ilha, que, na sua maioria, é protestante.

«A fidelidade dos timorenses à Bandeira Portuguesa era, talvez, essencialmente, uma fidelidade a si próprio e a sua individualidade étnica, de que a cultura lusotimorense é elemento agregador fundamental. Através dela sentiam-se ligados primariamente a Portugal, entidade histórico-cultural como fonte dessa cultura e, secundariamente, a Portugal, entidade política, como poder protetor, defensor dessa individualidade.»³⁷

Como é sublinhado no capítulo anterior, sobre a origem e a propagação da fé pelos missionários dominicanos desde o século XVI, a Igreja Católica difundiu-se em Timor-Leste graças ao empenho e à dedicação de todos os missionários que, na sua maior parte, eram portugueses. Eles foram realmente mediadores e servidores de Deus. Empenharam, com responsabilidade, as suas missões pregando, ensinando, exercendo os sacramentos mas, também, construíram as igrejas, as escolas e outros serviços sociais para atender às necessidades daquele povo.

É bem claro que, a vida e os dons de vida que a Igreja recebeu de Cristo, ela não os recebeu para si, nem apenas só para os seus membros, mas para o mundo. É por isso

37 Thomaz, Luís Filipe – in *Timor – Abandono e Tragédia*, Manuel A. Bernardo, Editor Prefácio, 2000, Lisboa, pp. 97-98.

que a Igreja é Povo de Deus em Missão e toda a hierarquia da Igreja tem a mesma missão.

«[...] A hierarquia é um ministério, isto é um “serviço”, pois que ela representa entre nós Aquele que, sendo “O Senhor e Mestre” não quis tomar pela encarnação senão o lugar de um “servidor” [...] E, como em tudo, na Igreja, os próprios chefes, a começar pelos mais altos, não cuidarão de objetivo mais elevado do que o de serem “servos dos servos de Deus”, importará reconhecer-se que toda a Igreja, no mundo, é chamada a servir a humanidade, e não a domina-lá (embora isso seja para seu suposto bem).»³⁸

Esta atitude de serviço também passou a ser um apelo de conquista e de conversão para os que ainda não tinham abraçado a fé cristã. Por outro lado, os que já tinham abraçado a fé cristã olharam a atitude de serviço sem reservas dos missionários e foram-se motivando a fazer um esforço de busca de evolução, de integração até ao pleno sentido da Igreja e da fé cristã rumo à vitória de Jesus Cristo. Os missionários ajudaram também para que os convertidos reconhecessem as suas caminhadas como Povo de Deus aprofundando a sua fé. Portanto, o tempo foi evoluindo, a tradição e a vivência da sociedade de Timor-Leste também começava a organizar-se com a influencia dos missionários e dos eclesiásticos já no tempo da colónia portuguesa.

Durante o período da ocupação desde 1975 a 1999 houve também várias tendências inspiradoras que foram promovidas pelos políticos católicos nativos. Naquela época muitos intelectuais e “militantes cristãos” lutaram também, desesperadamente, contra o genocídio, a injustiça e a opressão do invasor. Quando os indonésios bombardearam Timor o país enfrentou períodos difíceis e até aos anos oitenta uns grupos de timorenses tinham que negociar com os indonésios. Alguns continuavam a optar pela integração à Indonésia enquanto outros lutavam incansavelmente pela independência. Foram realizadas, também, várias reuniões, petições e manifestações e denotou-se que um quarto da população da província era firme na integração à Indonésia incluindo alguns católicos.

³⁸ Bouyer, Louis – *A Decomposição do Catolicismo*, Livraria Sampedro Editora, Lisboa, pp 56 – 57

Por outro lado, alguns timorenses compartilhavam a mesma ideologia de desenvolvimento que os indonésios com base na ideia de desenvolver o país. Nesta circunstância foi formada, também, uma rede de diáspora para intervir e reforçar a política externa de Timor-Leste. Era numericamente fraca e incluía vários líderes como José Ramos Horta e Mari Alkatiri. Estes também ponderaram o futuro de Timor-Leste seguindo diferentes influências recolhidas dos países em que residiam, principalmente Portugal, Moçambique e Austrália.

A sociedade timorense, incluindo os católicos, vivia numa situação de guerra. A própria Igreja e os seus membros foram perseguidos e acusados de que a Igreja, os padres e os religiosos foram os três fatores que ameaçaram a integração de Timor-Leste na Indonésia. Contou um timorense:

«Em 1982, durante as férias escolares, consegui uma autorização militar – o *surat jalan* obrigatório para todos os timorenses nas suas deslocações [...] Tendo adoecido na viagem fiquei, pelo caminho, em Manatuto. Por não ter apresentado a minha guia de marcha aos militares dentro dos prazos previstos, fui aprisionado e brutalmente espancado por um sargento indonésio [...] Só fui libertado após a intervenção de um religioso. Já em 1978 por ter defendido a religião católica, que professo, fui espancado diante da minha mãe por fuzileiros navais.»³⁹

Sobre a integração de Timor-Leste à Indonésia os indonésios tentavam, ainda, aproveitar o bispo português, D. José Joaquim Ribeiro, para forçar Portugal a reconhecer a anexação de Timor na Indonésia. Este motivo levou o segundo bispo residencial da Diocese de Dili a dirigir o seu pedido de resignação ao Santo Padre Paulo VI para que aceitasse a sua resignação.

O problema de Timor-Leste foi piorando. Os militares indonésios começaram a fazer buscas às escolas e interrogatórios aos alunos. No que diz respeito às escolas e alunos, no Externato de S. José, uma escola da diocese, foi alvo desta insegurança e perseguições:

³⁹ *Sou Timorense - Testemunhos de Timor-Leste*, Março de 1990, acedido a 5 de agosto de 2020, <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05002.118#138>, p.36

«Esta escola é vítima de constantes perseguições dos serviços secretos indonésios que acusam de fazer política contra o Governo. Os alunos e professores são estreitamente vigiados pelos agentes secretos, alguns foram presos e desapareceram [...] até os padres Leão da Costa e Cunha, foram acusados de ter distribuído panfletos anti-indonésios na capital e foram submetidos a interrogatórios.»⁴⁰

Os políticos timorenses que se opuseram à indonésia tinham de manter o silêncio, foram submissos mas, retinham-se uma posição muito clara em relação à ideologia e ao futuro do país. No contexto religioso, os timorenses mantinham-se numa fé firme e inabalável apesar de não se exprimirem em palavras. Por outro lado o Governo indonésio tentava colonizar o território de Timor-Leste com a sua própria população que, praticamente, são todos muçulmanos tendo, em consequência, o facto de o povo maubere ter-se tornado cidadão de segunda classe no seu próprio país.

«Os timorenses viveram a experiência da opressão, os seus direitos não eram reconhecidos. Pelos anos de oitenta, “prenderam gente (seiscentas pessoas só em Dili) que agora vai ser julgada em tribunais militares. Outras pessoas desapareceram [...]. Nas zonas de Lospalos, Viqueque, Baucau e Ainaro, a guerra existe e a população está cercada. Sofrem de doença, fome, falta de liberdade e perseguições (Os indonésios) já começaram a mobilizar a população civil [...] Estamos surpreendidos pelo facto de neste país, com tantos batalhões, helicópteros, tanques e bombardeiros. É uma infelicidade Monsenhor! A Cruz Vermelha não pode entrar nas prisões nem eu posso celebrar Eucaristia para os prisioneiros políticos.»⁴¹

Perante esta situação, as atividades da Igreja Católica ganharam uma nova dinâmica e introduziram-se em Timor várias congregações religiosas novas. Algumas religiosas que estavam refugiadas na Austrália regressaram a Dili. Entretanto, «[...]

⁴⁰ *ibid.*, p.38.

⁴¹ Kohen, Arnold S. – *Por Timor*, Editorial Notícias, 1999, Lisboa, p.142

algumas religiosas e de alguns sacerdotes, que abandonaram o território, procurando refúgio na Austrália e Indonésia, as três irmãs carmelitas decidiram permanecer em Timor, sofrendo todas as consequências de um conflito armado. Solidárias com o povo e com os cristãos, refugiaram-se nas montanhas, submetendo-se a contínuas deslocações de uma povoação para outra, subindo montanhas, descendo vales e precipícios, suportando calor e frio, fome e sede, sempre vivendo no meio das populações. Nesse período foram testemunhas autênticas de fraternidade e de sentido de proximidade para com as pessoas.»⁴²

Esse dinamismo também encaminhou muitos timorenses a aderirem ao catolicismo, foram batizados com maior número sem conversão genuína; ao discipulado, quando ocorria, sucedia o batismo e continuam registados com nomes portugueses, tendo o lugar de origem por sobrenome. Nos tempos da colonização: o colonialismo e evangelismo não se distinguiam e, assim, Timor-Leste absorveu a identidade sócio religiosa portuguesa. Foi assim o projeto missionário católico, liderados pelos bispos D. Martinho da Costa Lopes e D. Carlos Filipe Ximenes Belo, que mantiveram a fé católica em Timor-Leste durante a ocupação da Indonésia.

A Igreja Católica assumiu sempre um papel decisivo na defesa e preservação da cultura e identidade de Timor, nomeadamente ao traduzir a liturgia para tétum que é a língua predominante daquela terra.

Quando era Timor Português a maior parte dos timorenses ainda não abraçara o catolicismo (cristianismo) porque a crença tradicional e a cultura dos antepassados ainda eram muito vivas no rito do dia-a-dia. O princípio político do Estado da Indonésia levou a um avanço positivo para o crescimento do catolicismo. Daí, o catolicismo ter-se tornado, pela primeira vez, a religião seguida pela maioria da população de Timor-Leste.

No âmbito da ideologia conhecida por *Pancasila*⁴³, as autoridades indonésias desejavam que os cidadãos abraçassem uma das cinco religiões autorizadas na Indonésia. Em Timor-Leste, a pressão no sentido de se escolher uma das religiões era

⁴² Belo, Carlos Filipe Ximenes – *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, p. 242

⁴³ *Pancasila* é o fundamento filosófico oficial da Indonésia e que consiste por cinco princípios: a) Crença num deus supremo; b) Justiça civilizada entre os povos; c) Unidade da Indonésia; d) Democracia da deliberação e do consenso entre representantes; e) Justiça social para todos. No que diz respeito a primeiro princípio, os cidadãos são obrigados a aderir a uma das seis religiões reconhecidos: Islã, hinduísmo, budismo, catolicismo, protestantismo e confucionismo.

ainda maior do que no resto do território indonésio, uma vez que aos olhos das Forças Armadas da República Indonésia (ABRI), os rituais das religiões nativas de Timor-Leste eram identificados com as guerrilhas timorenses nas montanhas e florestas. Mais ainda, se uma pessoa não optasse por uma religião a sua atitude podia ser interpretada como ateísmo o que, para as autoridades militares da Indonésia, era considerado comunismo.

Notou-se também que, às vezes, a Igreja Católica foi acusada de ter um caráter aristocrático. Curiosamente, em ocasiões importantes, ou seja, nas situações penosas, os líderes da Igreja eram do lado do povo contra o regime do Suharto, o que fez com que os líderes da Igreja Católica fossem acusados. Pode-se dizer que o que se sentiu no período da colónia portuguesa sobre a expulsão dos jesuítas continuou-se a sentir em Timor-Leste perante aos olhos dos invasores. A posição da Igreja era uma posição sublime que resumia a coragem de grande parte dos sacerdotes e lideranças religiosas quanto à perseguição ao povo. O contexto e a conjuntura política em que o povo e a Igreja Católica viviam veio instigar mais para o crescimento do catolicismo.

«Nos anos de 1996 e de 1997 deu-se um grande crescimento quanto ao número de católicos em Timor Leste; por isso, em 1996, a diocese de Dili propôs à Santa Sé a decisão de se criar uma nova diocese, em Baucau, que incluía os quatro *kabupaten* (distritos) da parte leste da ilha (Baucau, Manatuto, Lautém e Viqueque). A Diocese de Dili ficou a englobar os *kabupatem* de Dili, Aileu, Manufahi, Ainaro, Ermera, Liquiça, Bobonaro, Cova-Lima e Ambeno.»⁴⁴

A criação de uma segunda diocese em Timor-Leste foi solicitada por D. Ximenes Belo ao Vaticano, com a justificação de que o crescimento da Igreja Católica no território tornava difícil a sua administração apostólica por um único bispo. Consta que a Igreja Católica de Timor-Leste em 1996 contou com cerca de 700 mil adesões numa população que andava por volta de 855 mil pessoas.

⁴⁴ Belo, Carlos Filipe Ximenes – *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, p. 286.

Os timorenses encontraram na Igreja um dos raros refúgios para a sua identidade e responderam com uma adesão massiva. O facto de abraçaram a fé católica foi também uma forma de se afirmarem diferentes do ocupante sociologicamente islâmico.

Se revirmos um pouco sobre a difusão do cristianismo na Indonésia no meado do século XX o cristianismo progrediu, apressadamente, pelo que a Comissão Bíblica da Indonésia relatou que entre 1963 e 1966 o número do protestantismo aumentou de cinco milhões passou para sete milhões. Isto significa que houve um maior número de conversões. A situação política daquele tempo teve uma contribuição significativa para o crescimento e expansão do cristianismo, tanto catolicismo como protestantismo. Este fenómeno religioso aconteceu em quase todas as províncias de Indonésia com maior realce em Timor, supostamente, a 27ª província da Indonésia.⁴⁵

Segundo os dados estatísticos em 1998, em Timor-Leste mais de 90 %⁴⁶ de população era católica. Há quarenta anos, antes da invasão da Indonésia, os que abraçaram a religião católica eram poucos porque a maior parte dos timorenses praticavam o animismo. Em 1974, o catolicismo era aproximadamente cerca de 34% de toda a população. Depois que a Indonésia dominou o país, o número dos que praticavam o catolicismo também se avolumou bastante. Em 1995 o catolicismo em Timor Leste passou para 85,07%.⁴⁷

Ainda sobre a propagação do catolicismo em Timor-Leste lembramos o que George Aditjondro⁴⁸ sublinhou, ou seja, os seis fatores que levaram os timorenses a abraçarem mais a fé Católica:

«Em primeiro lugar, a ordem do estado, que obrigava os timorenses para aderir a uma religião oficial; a Igreja católica sobre o comando de Dom Martinho Lopes e Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, que defenderam os direitos humanos e

⁴⁵ Timor-Leste tornou-se uma das províncias da Indonésia desde 17 de julho de 1976 a 19 de outubro de 1999 depois de 450 ano de colonização portuguesa. A província inclui a parte oriental da ilha de Timor, a ilha de Cabra ou Ataúro, a ilha de Jaco e o Enclave, Oe-Cusse.

⁴⁶ cf. *Seara - Boletim Eclesiástico da Diocese de Dili, Timor Oriental*, 1998.

⁴⁷ cf. Belo, Carlos Filipe Ximenes – *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, p.284.

⁴⁸ George A. foi um jornalista Indonésia que em 1974 fazia parte de um grupo de jovens católicos indonésios que procurou formular uma política democrática e não militar em Timor - Leste. Desde 1975, ele manteve um interesse ativo nos desenvolvimentos dos timorenses e fez várias entrevistas com líderes timorenses de todas as persuasões políticas, dentro e fora da Indonésia. Em 20 de maio de 2010, o Parlamento Nacional de Timor-Leste reconheceu a contribuição de Aditjondro, premiando-lhe com a medalha Princesa Grace de Mônaco.

exigiram que o povo timorense tomasse o seu futuro de ser um país independente; a missão e a atividade da Igreja Católica eram os únicos meios para se reunirem livremente; a iconografia da Igreja católica conseguiu recuperar a forma de adorar e praticar as crenças tradicionais que eram praticados antes; O catolicismo que já tinha assegurado em Timor Oriental (Kupang) facilmente entra em Timor Leste pela terra; e por último, a intensificação do catolicismo andou juntamente com adoção da língua tétum, língua local como língua oficial nas práticas litúrgicas.»⁴⁹

Helene van Klinken, na sua obra *Making Them Indonesians: Child Transfer out of East Timor*, sublinha que o catolicismo faz parte da identidade nacional de Timor-Leste. Neste sentido a fé católica, tornou-se uma característica diferencial dos timorenses para com os seus opressores, indonésios que eram predominantemente muçulmanos.

Em Timor-Leste, além da Religião Católica, o islamismo também tem uma história longa embora alguns historiadores digam que os muçulmanos chegaram ao mesmo tempo que os portugueses. O certo é que, naquela época, eles não se acalmaram porque os católicos e os muçulmanos não se davam bem. Algumas pesquisas mostram que os muçulmanos só começaram a residir em Dili a partir do século XVII. Estes eram suspeitos pelo governo colonial português. Alguns deles foram presos sem se saber o motivo.

O tempo evoluiu e quando a Indonésia invadiu Timor-Leste, os militares apoiaram a propagação do Islã. Alguns oficiais e soldados mais ativos no cuidado espiritual do Islã, tentaram ainda fazer a sua propagação. Além disso havia a organização islâmica mais ativa em Timor-Leste, o Dewan Dakwah Islamiyah Indonesia (Indonesian Islamic Propagation Council), que era apoiada pelo Majelis Ulama Indonesia (MUI). Apesar de todo o trabalho que estas organizações faziam, com várias tentativas de espalhar a doutrina de Maomé, o número dos que abraçaram a religião muçulmana continuou a ser uma minoria no país.

⁴⁹ cf. Aditjondro, George, - *An Indonesian Intellectual Speaks Out*, ACFOA, 1994, pp.34-35.

Pelo menos em alguns territórios do país, os timorenses ainda viam as mesquitas e as escolas islâmicas como símbolos da presença e oposição da Indonésia à Igreja Católica. Mas, no seu geral, a relação entre as lideranças religiosas era elucidativa e benéfica. Afirmou ainda D. Carlos F. Ximenes Belo que se alguém perturbar os muçulmanos em Kampung Alor, inclusive tentando incendiar a mesquita de An'nur, ele iria imediatamente para a defender.

Portanto, a Igreja católica de Timor-Leste, através dos seus bispos, desde a sua entrada no país mas sobretudo nos anos setenta ficou marcada maior determinação e coragem em defender incansavelmente os direitos humanos, a verdade e a justiça. Essa voz protetora da Igreja foi necessariamente importante para o povo, isto é, para os católicos e os não católicos a fim de se continuar a reforma que já tinha começada com a queda do regime do Suharto.

Durante o regime de Suharto percebeu-se que a justiça e os direitos humanos não foram respeitados, sobretudo no que respeita à destruição das dinâmicas da sociedade civil. Surgiram muitos problemas nos campos da economia, religioso, jurídico, cultural, educação e saúde. Por vezes o catolicismo tornou-se vulnerável à violência.

Sendo assim, a situação católica em Timor-Leste, causada pela guerra civil, sobretudo com a invasão da Indonésia em 1975, veio impulsionar mais a população timorense a unir-se ao redor da Igreja. Tudo isso se verifica no aumento quer das atividades quer dos agentes que intervêm nas tarefas pastorais, sócio económicas e culturais. Apresentam-se, de seguida, alguns campos onde se pode verificar a vastidão do trabalho e os intervenientes na sua execução.

1. EVANGELIZAÇÃO E INCREMENTO DA CRISTANDADE

«No campo da evangelização o prelado seguia com solicitude o trabalho pastoral dos missionários, catequistas e religiosas. Dinamizou a Comissão Diocesana da Catequese, a Comissão Diocesana da Liturgia, a Comissão Diocesana da Juventude e Comissão Diocesana dos Leigos. Nas visitas pastorais era

obrigatório o encontro com os jovens, casais, catequistas e professores.»⁵⁰

A vida religiosa em Timor-Leste é geralmente baseada na influência da cultura local e da cultura externa. Várias práticas religiosas tradicionais e modernas são realizadas de mãos dadas e tendem a ser vistas como sincretismo. Contudo, em geral, a Igreja Católica de Timor-Leste ainda conseguiu controlar estas práticas com esforços de inculturação que, em seguida, ajudou bastante a evolução da vida religiosa sobretudo do cristianismo em Timor-Leste.

«O Catolicismo pôde assim ser aceite como a religião dos irmãos cadetes (os Portugueses) que vieram ocupar-se do temporal (o comércio e depois a administração) e propor uma nova aliança, sem que eles tivessem que rejeitar as suas crenças anteriores. A atitude do clero católico de Timor-Leste como a dos movimentos sincréticos inspirados no Catolicismo [...] inscrevia-se numa visão de conjunto. Eles não pretendiam fundamentalmente pôr em causa a ordem cósmica timorense, mas esforçavam-se antes por conciliá-la com os preceitos cristãos.»⁵¹

Além de catequeses administradas nas capelas e igrejas, o trabalho de evangelização em Timor-Leste foi acelerando graças também ao trabalho de todas as escolas católicas pela educação instruída. Para os jovens ainda foram realizados vários encontros e celebrações a nível nacional. Entre outras: o congresso da juventude e a Páscoa Jovem (Cruz Jovem)⁵². Nos anos de 80 do século XX foram criadas, também, várias instituições para reforçar e dinamizar o trabalho pastoral e de evangelização em

⁵⁰ Belo, Carlos Filipe Ximenes – *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, p. 279.

⁵¹ Durand, Frédéric – *Catholicisme et Protestantisme dans l'île de Timor: 1116-2003*. Apud. Citado em Garrido, Maria José Rodrigues – *As Lideranças Religiosas no Processo de Independência de Timor – Leste*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, 2016, p.38.

⁵² Páscoa Jovem (Cruz Jovem) é evento nacional parte da Igreja cujo, objetivo para reunir os jovens de todo o território do país para refletir e celebrar a Páscoa de Cristo juntos todos os anos. Sendo para o nome é Páscoa Jovem, normalmente envolve todos os cristãos. Nos últimos anos a dois imagens de andam sempre juntos durante toda a celebração da Páscoa Jovem, a Cruz Jovem e a Imagem de Nossa Senhora. O evento refere normalmente ocorre no inverno

todo o território da Ilha. Uma delas é Academia Catequética, «cuja finalidade era preparar professores de Religião e Moral das escolas pré-secundárias (SMP) e secundárias (SMA). Outra finalidade seria a de elevar o nível cultural e religioso dos agentes da catequese na paróquia.»⁵³

As escolas e os colégios internos foram sempre os espaços importantes para a catequese. Antes da invasão da Indonésia as congregações religiosas já tinham instruídos vários colégios no território de Timor-Leste. No que diz respeito à realidade de Timor-Leste, a evangelização seria mais facilmente aceite e conservava-se se as pessoas recebessem educação. As escolas eram vistas como centros da educação e evangelização. Portanto, sem educação ou “escola” as pessoas não podiam ler, nem podiam entender o Evangelho. Foi assim que entenderam os missionários e líderes da Igreja local.

Por outro lado, abriram os seminários para a formação dos futuros padres, abriram também as escolas católicas e centros de formações católicas para educar e promover leigos. A Igreja além de se preocupar com os conhecimentos e os engenhos dos leigos deu especial relevo, também, à formação da fé católica. Muitos deles mais tarde se tornaram professores da Religião e Moral. Pode-se dizer que a educação “escola” tornou-se um meio ou centro de evangelização. Nas escolas e nos jardins da infância católicos eram educados com disciplina numa vida de oração e devoção. Entre outras, contavam-se o *Ângelus* e o *Rosário*.

Entretanto, nas escolas, nos colégios, nos internatos e nos centros de formação profissional católicos foram formados leigos qualificados, fortes na fé e, alguns, mais tarde, assumiram com entusiasmo o trabalho missionário.

Desde a invasão da Indonésia a Igreja em Timor-Leste voltou a consolidar a obra da evangelização e recebeu um novo dinamismo com a vinda de várias congregações religiosas.⁵⁴ Com a entrada de mais congregações religiosas e missionários a evangelização avança para toda a ilha. Por outro lado, ainda houve outra tentativa por parte da religião muçulmana para propagar mais a doutrina de Maomé.

⁵³ Belo, Carlos Filipe Ximenes – *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol., p.299.

⁵⁴ As principais congregações que empenham o papel importante na educação dos jovens desde a invasão da indonésia até hoje em dia: Companhia de Jesus (Jesuítas), Sociedade de São Francisco de Sales (Salesianos), Filhas da Caridade Canossianas (Canossiana), Filhas de Maria Auxiliadora (FMA).

«A Indonésia tentou também islamizar, mas as tentativas saíram frustradas porque o povo procurou refugiar-se dos ocupantes aderindo mais e mais à Igreja Católica, que os protegia. Mais recentemente, as autoridades indonésias proibiram o uso do tétum (língua veicular timorense) nas missas, mas esta proibição não foi respeitada. Nas escolas, a doutrinação é completa, e procura destruir tudo o que seja timorense [...].»⁵⁵

Se juntarmos aos dados numéricos o aumento do cristianismo, como resultado da evangelização levada a efeito nestes dois períodos da Guerra Civil, pode-se afirmar que, de ano para ano, tem havido um crescimento contínuo de católicos a par do crescimento populacional. Este aumento não inclui apenas os que são batizados, mas também os “*barlaqueados*”⁵⁶ que receberam a bênção do sacramento do matrimónio, os que receberam a Primeira Comunhão, o sacramento da Confirmação, o sacramento da Ordem e, mesmo, o sacramento da Penitência. Uma das primeiras ações na esfera religiosa envolveu a implementação de uma decisão tomada anteriormente pela Diocese de Dili, de grande importância para os seus devotos, que era celebrar a missa na língua tétum em vez de usar a língua indonésia. Esta alteração veio, também, permitir uma uniformidade de expressão nas atividades da Igreja proporcionando mais autonomia para as pessoas.

«Com o aumento extraordinário do número de católicos e de paróquias foi necessário convidar mais congregações religiosas para trabalharem em Timor Timur. Depois de uma reunião com os superiores religiosos em Jacarta, o administrador apostólico convidou várias congregações para abrirem casas na Diocese de Dili. Esta medida provocou algumas críticas da parte de certos sectores por assistirem, segundo eles, a uma maior “indonesiação” da Igreja timorense, mas, por outro lado, o povo de Deus precisava, de facto, da presença de mais pessoal religioso no campo educativo, social e pastoral.»⁵⁷

⁵⁵ Magalhães, A. Barbedo de – *Timor-Leste: Terra de Esperança*, Porto, p.58

⁵⁶ O *Barlaque* é o casamento tradicional de Timor-Leste. Na perspetiva sociocultural, esta prática pode apresentar algumas vantagens para a vida da família, servindo como um meio de dignificar a mulher; evitar o divórcio; e para manter os laços familiares entre as famílias das partes.

⁵⁷ Belo, Carlos Filipe Ximenes – *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, p.349.

Logo nos primeiros anos da ocupação já se viram os trabalhos pastorais que foram feitos pelos sacerdotes no meio das comunidade e no mato.

«Converter, converter como um ateu para o catolicismo. Não diria tanto. Mas, sobretudo, naquele tempo 76\77, em que, por causa da situação da guerra, podemos dizer que as pessoas viviam mais a sua vida como cristãos do que como indiferentes porque, pela situação da guerra, as pessoas estavam indecisas, não sabem se daqui a um ou dois minutos estão vivas ou não. Então, muita gente o que é que faz? Iniciaram e aprofundaram um verdadeiro caminho de conversão e aqueles que não eram baptizados aproximavam-se da igreja para aprender a catequese e serem baptizados. Muitos dos que viviam emancipados preparavam-se e punham os nomes para casarem pela igreja.»⁵⁸

O número dos católicos foi progredindo. Para constatar este facto podemos dar um pequeno exemplo de dados estatísticos: Em 1945, numa população de 398.000 habitantes, havia 26.000 católicos. Menos de vinte anos, em 1964, Timor-Leste tinha 556.857 habitantes e o número dos católicos subiu para 122.167. E, em 1972, o número dos católicos subiu para 209.219 numa população de 674.550 habitantes. Estes dados demonstram o resultado do trabalho empenhado pelos padres, religiosos, religiosas e catequistas daquela época.

A Igreja Católica de Timor-Leste não se desmoronou na sua fé até mesmo debaixo do regime indonésio onde a população era, maioritariamente, muçulmana. Apesar de dominado por um país muçulmano, em 1999 havia mais 90% de católicos numa população com mais de 700 mil habitantes.

Para apoiar esta adesão das pessoas à fé católica a Igreja católica, através de comissões diocesanas de Pastoral e outras estruturas necessárias, vai incentivando e apoiando toda ação pastoral numa população que, vivia ainda num primitivismo assustador e, em parte, usufruiu também dos resultados que a ciência humana ofereceu aos homens daquela época.

⁵⁸ Entrevista a Luís Costa, p. 18.

A situação católica daquela altura realmente exigiu ainda mais atenção da Igreja através de atividades pastorais. O ciclo do tempo que evoluiu de 1940 até 1999 possuiu características notórias em todos os aspetos.

O período a seguir à Segunda Guerra Mundial marcado, sobretudo, pela criação da Diocese de Dili trouxe um novo dinamismo à ação da Igreja Católica em Timor-Leste.

«Quero enfatizar que a nossa diocese se tornou numa Igreja ativa. Ativa no trabalho catequético, na educação e na promoção da justiça e da paz. A dimensão do nosso trabalho é a própria vida de Cristo que atravessa as regiões da Galileia a fazer o bem a todos até que não haja tempo para descansar de modo a que, na cruz, o nosso Messias ainda está sedento pela salvação da humanidade: "Estou com sede".»⁵⁹

Na continuação dessa Carta Pastoral o líder da Igreja local fez ainda um apelo à necessidade da meditação, “rekoleksi”, retiros para enriquecer ainda mais a dimensão contemplativa. A Igreja dinamizou também várias ações pastorais, como por exemplo, ação pastoral através da educação para as crianças e jovens como futuros sucessores da Igreja e do Estado.

Além disso, esperava-se que a Igreja aumentasse as atividades de catequese para os fiéis, especialmente nas áreas rurais. Isso ajudaria a iluminar o povo de Timor-Leste para poder discernir os valores da modernidade. Para que essa preocupação fosse superada demandou a colaboração e a coragem de todos.

«Isso requer a cooperação de todos nós: bispos, pastores e também dos próprios leigos. Antes de tudo, deve haver uma consciência geral de que a Igreja Católica em Timor-Leste não foi construída apenas por bispos, padres, monges e freiras e por catequistas. A Igreja é de todos nós. Esforços para promover o chamamento

⁵⁹ Belo, Carlos Filipe Ximenes, – Carta Pastoral – 50 anos da Existência da Diocese de Dili (4 de setembro de 1990) – in *Demi Keadilan dan Perdamaian*. Direção de Peter Tukan e Domingos de Sousa, Editor Komisi Keadilan dan Perdamaian Dioses Dili, 1997, p.249

e a missão dos leigos são os mesmos que para a propagação do chamamento e a missão da própria Igreja. O que é necessário na Igreja de hoje é coragem.»⁶⁰

2. PARTICIPAÇÃO DA IGREJA NO CAMPO DO ENSINO E DA FORMAÇÃO DOS SEMINARISTAS

«Depois da declaração oficial da integração do território de Timor-Leste na República da Indonésia, [...] o governo provincial intensificou o sistema de educação baseada nos programas indonésios. Foram abertas as escolas primárias do Estado [...] A diocese de Díli, que no tempo colonial mantinha as escolas em todas as missões, fez um ingente esforço para reabrir e manter essas mesmas escolas. Para isso, foi preciso recrutar professores [...] para serem reconhecidas, tinham de ser apoiadas juridicamente por uma fundação.»⁶¹

Edificar e propagar a educação também foi uma das tarefas da Igreja local durante a ocupação da Indonésia. A luta para oferecer uma boa educação faz parte do Mandato de Jesus (cf. Mt 28: 19-20). O objetivo é educar todo o povo de Deus e os levar ao conhecimento de Cristo.

A Igreja de Deus, através da educação, faz com que todos entendam e vivam o amor de Deus e gozem a nuance do Reino de Deus. Através da educação desenvolvida a sociedade em geral (especialmente a Igreja) poderá gozar da bondade de Deus e conduzir o povo de Deus para conhecer a plenitude de Deus.

A Igreja católica, desde a sua chegada em Timor-Leste, tem tido um grande contributo na disseminação da educação. Assim, a Igreja teve sempre um papel

⁶⁰ Belo, Carlos Filipe Ximenes – Carta Pastoral – 50 anos da Existência da Diocese de Díli (4 de setembro de 1990) – in *Demi Keadilan dan Perdamaian*. Direção de Peter Tukan e Domingos de Sousa, Editor Komisi Keadilan dan Perdamaian Dioces Díli, 1997, p.249.

⁶¹ Carlos Filipe Ximenes Belo – *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol., p.257.

importante na educação da sociedade timorense. Foi constatado que durante a ocupação da Indonésia e até hoje em dia a Igreja Católica em Timor-Leste vem continuando a ajudar e a colaborar com o governo na área da educação. Continua, portanto, a exercer funções e a criar uma educação com qualidade e continua a ser pioneira e inovadora da mudança na educação da juventude.

Se olharmos para o passado a Missão da Igreja em Timor-Leste no campo do ensino já tinha começado desde o início da evangelização há quinhentos anos atrás. O ensino dos timorenses era, sobretudo, ministrado pelos missionários, que espalharam escolas por Timor, entre outras iniciativas do mesmo teor. Assim, a par com a educação literária desenvolveu-se também o ensino nas escolas profissionais. Vale a pena salientar que até 1960 a educação em Timor Português estava quase inteiramente nas mãos da Igreja Católica.

«As missões religiosas do ultramar, instrumento de civilização e de influência nacional, e os estabelecimentos de formação pessoal para os serviços delas e do Padroado Português, terão personalidade jurídica e serão protegidos e auxiliados pelo estado como instituições de ensino.»⁶²

Desde 1939 até 1945 os colégios conhecidos eram apenas o Colégio Nuno Álvares Pereira e o Colégio Nossa Senhora Imaculada Conceição. Em Soibada surgiram depois outros Colégios como Colégio Infante Sagres, em Maliana, os Colégios de Ossu, masculino e feminino, o Colégio Salesiano de Fuiloro, Colégio Salesiano de Fatumaca. Tudo isto sem contar as escolas primárias que já existiam em todas as Missões e nalgumas Estações Missionárias. Na verdade, a Igreja Católica em Timor Oriental, atual Timor-Leste, exerceu sempre uma ação muito eficaz em ordem à promoção dos homens e das mulheres timorenses, através dos seus sacerdotes, religiosos, professores e catequistas.

É evidente que foi a Igreja quem incentivou instituições educacionais sobretudo através das congregações religiosas. Na sua maioria foram as congregações religiosas que administraram as escolas a fim de fornecer espaço para as crianças e os jovens

⁶² Acto Colonial 1930, Série I, Número 156, Decreto nº 18:570. Artigo 24º

pobres, para que eles pudessem usufruir e aproveitar a educação como os outros. A Igreja tentou ainda esforços para minimizar o fosso das divisões entre a educação para os pobres e a educação para os ricos, considerando que era uma desigualdade e deliberação que se afastava um pouco do princípio da justiça e que podia ficar numa posição errada. Portanto, a Igreja foi altamente esperada para poder permanecer em pé e andar na posição correta de acordo com a mensagem do Evangelho.

É neste sentido que a Igreja, no seu papel de educador e evangelizador, mostrou a sua capacidade de ajudar a construir e propagar a educação a fim de responder aos sonhos dos timorenses. A Igreja ofereceu a educação para toda a gente. Era uma educação global e integral. O historiador Carlos Filipe Ximenes Belo referiu que, desde 1976-1982 a Diocese de Dili já tinham 62 escolas primárias, 10 escolas pré-secundárias (uma delas para aspirantes salesianos – em Fatumaca), 1 Escola Técnica e um Liceu.⁶³

Para defender estes ensinamentos particulares foi necessário criar a Fundação São Paulo em 1979 e a Fundação São José em 1997 como organismos oficiais da Igreja para gerir as escolas católicas.

Todo este eco não significa que o governo indonésio veio subverter o ensino em Timor-Leste. Pelo contrário, o Governo Indonésio aludiu ao setor da educação como uma das prioridades chave na qual se deveria investir no plano de desenvolvimento do país e no acesso ao ensino que era gratuito. Mas, neste caso, não esquecemos que o Governo da Indonésia tinha outra intenção também: era a de destruir a cultura timorense através do ensino. Sobre a propagação da educação, escreveu o eis Administrador Apostólico de Dili: «os aspetos mais visíveis do desenvolvimento foi o setor da educação. [...] Foram construídos muitos edifícios escolares para a escola primária ou SD (Sekolah Dasar), vários para o ciclo preparatório ou SMP (Sekolah Menengah Pertama) e escolas secundárias ou SMA (Sekolah Menengah Atas). Foram enviados para Timor Timur centenas de professores [...]»⁶⁴ Alguns dados estatísticos apontam que nos anos de 1990 já existiam 733 escolas⁶⁵ no território Timor-Leste desde jardins-de-infância ao ensino superior.

⁶³ cf. Belo, Carlos Filipe Ximenes – *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol., pp. 258-259.

⁶⁴ Belo, Carlos Filipe Ximenes – *ibid*, p.68

⁶⁵ cf. Belo, Carlos Filipe Ximenes – *ibid*, p.69

Como sabemos, o sistema de ensino que foi estabelecido pelos portugueses com a ocupação da Indonésia veio a alterar-se sucessivamente. Quando Timor-Leste foi anexado pela Indonésia a língua portuguesa deixou de ser a língua oficial do país enquanto a língua Indonésia ganhou importância no país e passou a ser utilizada na educação formal. Por outro lado o Tétum espalhou-se por todo o território e desempenhou o lugar do português como língua da religião católica.

«Os Sacerdotes e orientadores de celebrações recorrem à solução facilidade do tétum e, nalguns casos, às celebrações bilingues. Durante a ocupação de Timor pela Indonésia esta língua tornou-se obrigatória por imposição, havendo um plano de a impor também nas Igrejas. A Igreja Católica, porém, reagiu e antecipou-se com a preparação de edições de todos os textos litúrgicos em tétum e começou a usá-los nas igrejas, frustrando assim os propósitos dos ocupantes.»⁶⁶

Com a crise política iniciada em 1975, a Igreja Católica incrementou ainda mais o setor da educação a todos os níveis, a partir do jardim infantil até ao ensino secundário, em todas as paróquias espalhadas por todo o Timor Oriental possuindo, ainda, um Instituto Pastoral como já antes possuía a Escola de formação de professores. Apesar da opressão dos militares, neste período crucial da invasão, a Igreja Católica enfrentou a força e conseguiu realizar as atividades do ensino em todo o território. Um Bispo Auxiliar de Austrália, Hilton Forrest Deakin, sublinhou ainda a importância dos colégios: «o sucesso do colégio, que ministrava uma educação moderna e tecnológica, autenticamente timorense, foi desde cedo visto pelas autoridades indonésias como uma profunda ameaça.»⁶⁷ Referiu-se ao Colégio dos Salesianos de Fatumaca.

⁶⁶Congresso Portugal e os PALOP Cooperação na Área da Educação, acessado a 13 de dezembro de 2020 <https://books.google.pt/books?id=QbJZBAAQBAJ&pg=PT79&lpg=PT79&dq=L%C3%ADngua+da+liturgia+em+Timor+durante+a+ocupa%C3%A7%C3%A3o+da+indon%C3%A9sia&source=bl&ots=Sit4Nn7fbC&sig=ACfU3U1qXh7XYuZZHlbsnXHLmMiyXiz3Hg&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiG7Ye-97bpAhUZA2MBHaYIDzAQ6AEwAXoECAoQAQ#v=onepage&q=L%C3%ADngua%20da%20liturgia%20em%20Timor%20durante%20a%20ocupa%C3%A7%C3%A3o%20da%20indon%C3%A9sia&f=false> e. p.79.

⁶⁷ Bispo de Timor-Leste é símbolo da independência do país, acessado a 17 de dezembro de 2020 <https://noticias.uol.com.br/lusa/ultnot/2002/11/26/ult611u16715.jhtm>

A Igreja Católica foi e é um parceiro importante na educação dos timorenses, desde pré-escola ao ensino superior. Os seus dirigentes tinham boa formação, os professores leigos também eram bem qualificados. A par disso as escolas católicas tinham boas instalações e boas condições para a aprendizagem. Por isso, as populações preferiam mais o ensino particular.

«Apesar da situação de guerra em que vivia o povo timorense notou-se uma grande expansão no campo do ensino. Nos sucos, nos postos administrativos e nas vilas, o Governo, dispondo de mais meios financeiros, abria escolas primárias, pré-secundárias e secundárias. Mesmo assim, em muitas regiões as populações pediam escolas católicas.»⁶⁸

Se examinarmos e observarmos a evolução da educação realizada pela Igreja em Timor-Leste, desde o passado até ao agora, pode-se concluir que os resultados são muito positivos e têm um impacto na vida e nos meios de subsistência do povo de Timor-Leste. Os timorenses não podem esquecer o papel da Igreja Católica em si mesmos, como cristãos seguidores de Cristo e como membros da comunidade, pois testemunharam que a vida diária é bastante influenciada pela educação das escolas católicas.

Em relação à formação dos seminaristas consta que em tempos idos já tinha havido um Seminário em Oecussi, por volta de 1747 e outro em Manatuto. No ano 1936 foi aberto o Seminário Menor em Soibada cujas atividades foram interrompidas durante alguns anos reabrindo em 1950. Depois de ser transferido para Dili, Dare, em 1954, foi ereto canonicamente com nome de Seminário Nossa Senhora de Fátima. Este Seminário formou muitos timorenses que, do tempo da Indonésia até hoje, constituem os líderes da sociedade timorense, quer como sacerdotes, quer como membros do governo ou agentes políticos.

Em 1975 as atividades do seminário foram interrompidas por causa da revolução em Timor Oriental. Mais uma vez os seminaristas tiveram que deixar o Seminário de Dare, dispersando-se por Timor. Em 1978 o Seminário Menor mudou para Lahane

⁶⁸ Belo, Carlos Filipe Ximenes, *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, p.303

passando a funcionar no “Colégio Bispo Medeiros”. «De ano para ano, o número de seminaristas ia crescendo, e notava-se a exiguidade de espaços.»⁶⁹ Em 1996 o Seminário Menor mudou para Balide. Começou a funcionar num novo edifício inaugurado no dia 3 de fevereiro de 1996 por D. Carlos Filipe Ximenes Belo. Foi no mesmo mandato de D. Carlos Filipe Ximenes Belo que abriu, também, o Pré-Seminário São Luís Gonzaga, em Ainaro, e Ano de Espiritualidade que tem São João Maria Vianey como seu patrono.

A Igreja Católica em Timor-Leste tem sempre a preocupações pelas vocações. Por isso, na ocasião de angariação de fundos para a construção do edifício do Seminário Menor, em 1987 o líder da Igreja local sublinhou a importância da participação e colaboração de todos os fiéis: «Vamos todos trabalhar e fazer acontecer. O Seminário requer nossa participação e sacrifício. Porque o Seminário é nosso. E o seminário é o foco mais importante da Diocese. Sem Seminário os fiéis não terão pastores. Sem Seminário o trabalho apostólico ou a pregação serão parados e interrompidos. Portanto, nossa participação é muito importante e urgente.»⁷⁰

Quanto ao Seminário Maior, desde o ano de 1967 à 1972 os seminaristas eram enviados para Macau e Portugal. Depois das mudanças políticas em Timor Oriental os seminaristas timorenses frequentavam os Seminários Maiores de Ritapiret, Malang e Kupang na Indonésia. Só no ano 1999 é que os dois administradores apostólicos decidiram abrir o Seminário Maior Interdiocesano São Pedro e São Paulo em Dili. A sua fundação foi suscitada pela necessidade sentida, a nível da Igreja timorense, porque via florescer circunstancialismos sociais, políticos e religiosos em Timor-Leste que iniciava os primeiros passos e, estes, exigiam, também, uma mudança estrutural na formação ao nível da Igreja local. A formação dos candidatos ao sacerdócio era, então, feita nos países estrangeiros.

Nesta perspetiva e, tendo em conta que a nação caminhava, agora, independente em direção a um futuro promissor, os Bispos das duas Dioceses existentes D. Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB da Diocese de Díli e D. Basílio do Nascimento da Diocese de Baucau, decidiram unir esforços e iniciar esta obra que hoje completa 20 anos de existência. O seminário procura assegurar uma base humana sólida na formação

⁶⁹ Belo, Carlos Filipe Ximenes – *ibid*, p.295

⁷⁰ Belo, Carlos Filipe Ximenes – Carta a todos os fiéis da Diocese – in *Demi Keadilan dan Perdamaian*. Direção de Peter Tukan e Domingos de Sousa, Editor Komisi Keadilan dan Perdamaian Dioses Dili, 1997, p. 184.

espiritual, o desenvolvimento da inteligência baseada na Fé, o uso de uma liberdade iluminada pela caridade de Cristo, o espírito de iniciativa, a abertura aos problemas da vida do mundo de hoje e a formação cívica e social.

O Seminário Maior que começou a funcionar a partir de 13 outubro de 2000, pelo decreto do Administrador Apostólico de Dili, era um assunto que já foi tratado numa reunião do Conselho Presbiteral da Diocese de Dili em 1993. O Decreto da Ereção Canónica do Seminário Maior sublinha as razões para a fundação do seminário maior em Dili:

«Considerando que há urgente necessidade de aumento de sacerdotes para atendimento do grande número de católicos (625.355), que cresce de ano para ano; Considerando que o número de candidatos aos Seminários Maiores-finalistas do Ano de Espiritualidade – também aumenta anualmente; Considerando que enfrentamos atualmente dificuldades de vária ordem no envio dos nossos seminaristas para os Seminários maiores de Indonésia, a fim de prosseguirem os seus estudos superiores [...]»⁷¹

Entretanto, a formação das congregações religiosas, na sua maioria, foi feita em diversos países de vários continentes.

3. COOPERAÇÃO NO CAMPO DE SERVIÇO DE SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS

Durante o tempo da ocupação o setor da saúde, como o da educação, também foi um setor importante na missão da Igreja. A maneira de servir, de acolher e de cuidar as pessoas também foi importante na missão da Igreja e na pregação do Evangelho.

Alguns timorenses entendiam a evangelização como estabelecimento de escolas e centros sociais, clínicas ou farmácias católicas deixados, em geral, pelos missionários

⁷¹ Belo, Carlos Filipe Ximenes – *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, p.292.

em Timor-Leste. Durante a ocupação da Indonésia os centros sociais, clínicas ou farmácias católicas trouxeram consideráveis influências para neutralizar a visão de que o cristianismo – catolicismo – era uma religião colonial portuguesa.

Em Timor-Leste os serviços de saúde e educação foram, relativamente, mais facilmente recebidos pela sociedade do que a distribuição de panfletos sobre as religiões. A educação e saúde são necessidades que eram diretamente sentidas naquele tempo embora, no início da missionação em Timor-Leste, as escolas e hospitais não tenham sido muito procurados pela maioria dos timorenses.

Durante o tempo da ocupação o campo da saúde era usado como uma ferramenta, ou melhor, como um meio de auxílio. Notava-se que esta ferramenta foi introduzido na evangelização. Portanto, funcionava-se como "ponto de conexão" que é o ponto de entrada para a verdadeira pregação do Evangelho. O pessoal de saúde, que na sua maioria eram freiras, atuavam como evangelizadoras. A evangelização ou a pregação da Palavra foi sempre a missão principal de todos os cristãos no trabalho que vão assumindo. Pode-se dizer que tanto a educação quanto o setor da saúde são essencialmente destinados a ganhar almas para Cristo.

Uma coisa muito positiva, nos esforços para usar o setor da saúde para pregar o evangelho no passado, foi a participação religiosa num sistema de saúde mais responsável. A participação da Igreja no campo da saúde, tal como no ensino, era vista como portadora de luz. Escolas e clínicas, mesmo com condições simples, chegaram a todos os timorenses sem olhar à cultura, raça ou religião.

«No campo da ação sanitária e social a Igreja católica atua eficazmente através de Postos clínicos em quase todas as Paróquias e com dois hospitais: um no Suai e Outro em Dili.»⁷²

O setor de saúde foi uma área onde a Igreja Católica em Timor-Leste desempenhou o seu papel de diaconisa. De tal modo que o serviço de saúde também é o trabalho da Igreja que era feito por todos os cristãos para todos os Homens. Os serviços de saúde eram realizados simultaneamente com as outras duas tarefas da Igreja como

⁷² SEARA - *Boletim Eclesiástico da Diocese de Dili, Timor Oriental*, 1998, p.14.

comunhão e testemunho. Todos três se apontaram como um sinal da vinda do reino de Deus.

Entendemos que a obra salvadora de Deus é vasta o que significa que envolve a totalidade da vida natural incluindo os humanos. Isto significa que a humanidade é como um todo, física e espiritualmente, pois a natureza humana é psicossomática (cf. Gn 2:7). Nas narrativas do Evangelho que referem a cura fica claro para Igreja Católica, em Timor-Leste, que o Senhor Jesus não se preocupou apenas com almas mas, também, com o sofrimento físico como as doenças.

No contexto de toda a mensagem do Evangelho a cura ou milagres não são fatos separados da pregação do Reino de Deus e os milagres são como um sinal para a vinda desse reino (cf. Mt 4:23; 9:35; 12:28; Lc 9: 2). Portanto, o reino de Deus deve ser buscado primeiro e "outros" dons serão adicionados. Quando Jesus curava uma pessoa Ele não estava apenas preocupado com a doença da pessoa mas também com a sua fé.

É bastante claro que a assistência à saúde é realizada pela Igreja timorense, isto é, todos os crentes católicos têm um sentido muito significativo tanto no passado da história da evangelização como agora e no futuro.

Das lacunas que ainda foram preenchidas pela Igreja no setor da saúde uma delas era o Planeamento Familiar (*Keluarga Berencana*). A planificação familiar foi sempre criticada pelas autoridades da Igreja. A Igreja deplorou, discordou e reprovou a Planificação Familiar.

«Esta espécie de KB, consiste apenas em ir por aldeia e povoações distribuir e indiscriminadamente os meios contraceptivos (pílulas, injeções e outros meios). Estes agentes não dão uma informação antes às populações, e além disso não respeitam a consciência cristã dos timorenses onde a maioria da população é católica (438.000 católicos). Nem tem em consideração os ensinamentos da Religião Católica e outras normas da Igreja. Deploramos, discordamos e reprovamos uma planificação que não informa as populações.»⁷³

⁷³ Belo, Carlos Filipe Ximenes – Carta Pastoral (3 de março de 1985), acedido a 20 de dezembro de 2020, <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05002.046#!2>

O planeamento familiar começou a ser praticado em Timor-Leste a partir do ano 1980. Este tinha como finalidade o controlo do crescimento populacional através da disseminação de conselhos sobre contraceção por parte de clínicas provinciais e locais. A Igreja Católica de Timor-Leste nunca concordou com a implementação deste programa. Este programa foi criticado pelos vários membros de clero. Já no tempo de D. Martinho Lopes da Costa Lopes foi denunciado este programa pela razão de que, «homens e mulheres são esterilizados sem mesmo serem informados quando, por qualquer motivo, são submetidos a uma intervenção cirúrgica.»⁷⁴

A política de aplicar o planeamento familiar foi para todas as províncias do país, mas não necessariamente em Timor-Leste, pela razão de que Timor foi «um território fortemente atingido por uma baixa brutal da população e sujeito a condições de saúde deploráveis, o governo indonésio consagra mais recursos para o controlo dos nascimentos do que para a saúde [...]»⁷⁵

D. Carlos Filipe Ximenes Belo na conclusão da sua Carta Pastoral sobre o Planeamento Familiar pediu ainda aos sacerdotes para que não se cansassem de defender a verdade; aos religiosos para que rezassem pela família cristã; por último aos noivos e casais deixou a mensagem de que a vocação ao matrimónio é um dom de Deus. É uma das vocações mais belas.

Apesar de numerosos protestos veiculados, nomeadamente, pelas autoridades religiosas as autoridades indonésias continuaram a implantar em Timor os seus serviços de planeamento familiar, começaram a fazer a contraceção forçada e as esterilizações forçadas, temporárias ou definitivas, de mulheres timorenses.

Os deveres da Igreja nos serviços de saúde não ficaram à parte do ministério pastoral e da pregação da Palavra. A Participação da Igreja no campo da saúde é um reflexo da preocupação e Missão de Cristo ao sofrimento humano. Por esse motivo é necessária maior dedicação de quem assumiu e de quem defender a vida.

A Igreja católica em Timor-Leste além de fazer assistência à saúde fez também o trabalho de assistência social. A Cáritas é uma das Instituições da Igreja Católica que faz o trabalho humanitário. Esta instituição começou a funcionar em Timor-Leste e a

⁷⁴ *Timor-Leste: 20 anos de ocupação – 20 anos de resistência*. Texto Anónimo. Lisboa: Edição – A Paz é Possível em Timor-Leste, p. 24.

⁷⁵ *Timor-Leste: 20 anos de ocupação – 20 anos de resistência*, p. 24.

servir a comunidade a partir de 1976. A missão referida tinha sido começada com o nome Delegatus Social (DELSOS). A Cáritas diocesana começou no bispado de D. Martinho Lopes com o apoio do Bispo Sulama da diocese vizinha de Atambua.

«No Campo de Promoção Social, a DELSOS e agora a Caritas promovem o nível social das populações com programas, quer de formação, quer de incrementação de formas de subsistência e emancipação e social.»⁷⁶

A Cáritas foi criada para prestar assistência social à população do país, isto é, surgiu para atender à necessidade do povo timorense naquele momento difícil. Além disso, depois de Timor-Leste se tornar país independente, muitas pessoas se refugiaram em campos de refugiados e nas montanha, a Cáritas Diocesana também ajudou a responder de uma maneira o mais eficiente possível às necessidades das pessoas.

Na situação em que se viveu durante a ocupação da Indonésia a Cáritas Diocesana: «teve a missão de dar atenção aos mais vulneráveis para que não se sentissem esquecidos, contribuiu da mesma forma pela paz, e colaborar com a Igreja para libertar o país da doença, pobreza segundo os ensinamentos da Igreja.»⁷⁷

A Cáritas diocesana desde a sua existência em Timor-Leste teve apoio da Cáritas Austrália: «Antes da crise, a Cáritas Austrália já tinha feito apoio ao seu parceiro local, Cáritas de Timor – Leste em programas de desenvolvimento comunitário e, em 1999, apoiou um programa voluntário de solidariedade e um programa de defesa dos direitos humanos, bem como apoio à capacitação.»⁷⁸

4. ASSOCIAÇÃO DE PIEDADE

Como ocorre em muitas outras sociedades, onde existe um aumento demográfico, as camadas mais jovens da população são numericamente significativas, transportando anseios de realização que se confrontam com as situações repressivas das

⁷⁶ Seara - *Boletim Eclesiástico da Diocese de Dili, Timor Oriental*, 1998, p.14.

⁷⁷ cf. Cáritas Diocesana – Diocese de Dili, acedido a 21 de dezembro de 2020 <https://diocesadedili.org/instituicoes-diocesanas/caritas-diocesana/>

⁷⁸ Aid in Conflict - Texto anónimo, Matthew Clarke Editor, New York, 2006, p.172.

sociedades. Esta dimensão do protagonismo mais juvenil, em Timor-Leste, permitiu um forte impulso nas dinâmicas associativas, mesmo quando revestem aspectos mais tradicionais. O facto de juntar as pessoas, jovens ou menos jovens, estas experiências favorecem uma adesão e uma identificação que fortalece os laços sociais e a determinação da sua presença na sociedade. São instâncias de conscientização e de mobilização.

As associações de piedade mais comuns presentes em Timor Oriental, nas Dioceses de Dili e Baucau, eram o Apostolado da Oração e a Cruzada Eucarística. Existiam ainda outras de menor escala, mais centradas ao nível paroquial. De destacar que, a para destas associações, o Escutismo - Corpo dos Escuteiros Católicos (CEC) introduzido e oficializado por D. José Joaquim Ribeiro, foi uma referência de organização e de iniciativas para os jovens timorenses.

Todas estas dinâmicas constituíram redes e formas de socialização que, em muitas ocasiões, ajudaram à formação e a evitar formas de maior radicalização no contexto das tensões sociais e políticas porque passou o território.

CAPÍTULO 3

O CATOLICISMO EM TIMOR-LESTE: DEPOIS DO SOFRIMENTO VEM A ALEGRIA

«[...]The Church provided practical assistance to the Timorese resistance movement and army, for example by sharing information and resources, providing a political space for free speech and assembly, protecting resistance and clandestine fighters, informing the outside world of events inside Timor, and ministering to the resistance fighters. Combined with these practical forms was a framework for understanding and resisting oppression. The nature of the Timorese experience under Indonesian occupation seemed to be given meaning and sense within a Christian context, which provided cultural resources for hope and ‘a spirituality of resistance.»⁷⁹

Uma das características distintivas do catolicismo em Timor-Leste foi a forma como a experiência do sofrimento se juntou com a identificação e a fé em Cristo, particularmente, como vítima inocente, sofredora e na Sua auto doação. Na fé e na solidariedade cristã, os timorenses, pareciam encontrar uma narrativa promulgada e um espaço comunitário que resistia à violência do regime e os ajudava a reconstituir a unidade e a identidade, em firmeza, com sua própria cultura e experiência. Muitos homens e mulheres, que foram torturados e presos, passaram a considerar os seus sofrimentos como os de Cristo. Assim, eles, não sofreram sozinhos mas com Cristo e sentiram a presença de Cristo com eles. Os que estavam presos mantiveram uma rotina regular de oração e ensinaram outros prisioneiros que quiseram aprender, ou aprofundar, os seus conhecimentos sobre o catolicismo. Notou-se, portanto, que os laços

⁷⁹Hodge, Joel, - *The Catholic Church in Timor-Leste and the Indonesian Occupation: A spirituality of Suffering and Resistance, in South Asia Research*, Vol. 21, nº1 (March 2013), Taylor and Francis – Ltd, pp. 150-170, acedido a 20 de maio de 2020 (<https://www.jstor.org/stable/23752590>).

do sofrimento e da dor levaram, também, a que muitos timorenses explorassem juntos os caminhos da fé.

A vida dos timorenses, desde os inícios da ocupação até à independência, cruzou-se com momentos de grandes dificuldades e carências. Além do desmantelamento dos edifícios provocado, em todo o país, pelo vendaval invasor houve, também, um período de precariedade económica e uma grande tentativa de destruir a identidade do país tendo em conta tudo o que foi adquirido e cultivado ao longo de 450 anos. Entre os anos de 1975-1999 foi a era das grandes tribulações em Timor-Leste. Nestas tribulações o povo timorense não estava sozinho porque a Igreja Católica sofreu juntamente com ele. Com a Igreja o povo teve uma força inesgotável para resistir à maior e mais potente nação do sudeste asiático. Ao longo de todo o processo de libertação o povo mergulhou na opressão e na violência. Diante da opressão a Igreja «deu uma nova esperança para aqueles em desespero e gerou uma espiritualidade de resistência "através da pregação do Evangelho que enfatizou a justiça de Deus e a liberdade.»⁸⁰

Com a entrada dos militares indonésios em Timor-Leste, em 1975, todo o território de Timor se tornou num território fantasma com muito aparato militar a dominar o país.⁸¹ Já nos primeiros anos da ocupação, com a intervenção do Partido FRETILIN, o “drama” político desenrolou-se, até, num plano internacional: todo o mundo muçulmano, cristãos, budismo e de outras confissões religiosas teve o olhar voltado para o povo e para a Igreja Católica de Timor. Houve mais sequestrados, torturados, assassinados e desaparecidos. Sabemos, também, que, antes da invasão da Indonésia, Timor-Leste já tinha vivido, num curto espaço de tempo, uma situação bastante difícil que foi causada pela Guerra Civil. No entanto, o sofrimento que o povo viveu durante os vinte e quatro anos da ocupação Indonésia, já desde os primeiros anos, veio duplicar mais ainda esse sofrimento. Só no primeiro ano de ocupação morreram cerca de 60.000 mil timorenses, aproximadamente 10% da população, como dizia Monsenhor José Joaquim Ribeiro: «as tropas indonésias, com os seus assassínios, violações e pilhagens são mil vezes piores (que a Fretilin). Os pára-quedistas indonésios desceram do céu como anjos mas portaram-se como demónios.»⁸² Timor-Leste parecia

⁸⁰ cf. Patrick A. Smythe (2003), *'The Heaviest Blow': the Catholic Church and the East Timor Issue*, LIT Verlag, Münster, p. 47

⁸¹ cf. Belo, Carlos Filipe Ximenes – *Dili a Cidade que não Era*, p. 86

⁸² *Timor-Leste: 20 anos de ocupação – 20 anos de resistência*, p.

um matadouro. Houve tantos mortos naquele país. A vida dos cristãos, bispos, padres, religiosos e religiosas era ameaçada a cada momento.

De ano para o ano o povo timorense foi perseguido, violado e muitos viviam em pleno medo. Alguns fugiram para as montanhas com medo de serem perseguidos e violados nos seus direitos fundamentais. Esta realidade, para a qual viviam, remete-nos ao sofrimento de Cristo e às primeiras comunidades cristãs. Timor-Leste foi um verdadeiro calvário. A população sofreu muito e não foram somente aqueles que viviam no território do país mas, também, os que foram mandados para a Indonésia com a promessa de lhes oferecerem emprego.

«Quatrocentos jovens timorenses foram levados para Java no âmbito de interesses controlados pela filha mais velha do presidente Suharto, Siti Hardiyanti Rukmana [...] Fora prometido aos quatrocentos jovens que obteriam formação e bons empregos, mas quando lá chegaram deram-lhes trabalho mal pago em péssimas condições.»⁸³

Entre estes jovens que foram levados para outra província da Indonésia, uns foram maltratados e outros foram perseguidos e espancados. De facto, houve uma grande injustiça e muito sofrimento para com o povo timorense fora e dentro da sua terra natal. Em Timor-Leste, os militares indonésios procuraram maneiras de perseguir a Igreja de um modo oculto; prendendo catequistas, ajudantes e as pessoas mais próximas dos padres nas paróquias, impedindo que as pessoas, sobretudo os jovens, assistissem aos encontros e atos litúrgicos.

Para além da perseguição e da proibição de assistir aos encontros ou atos litúrgicos houve também proibição da língua portuguesa em Timor-Leste logo nos primeiros anos da invasão. Alguns sacerdotes timorenses decidiram, então, uma vez por todas, a tradução para língua nacional, Tétum, de todas as partes do missal romano (orações litúrgicas), ordinário da missa, da Bíblia, do Novo Testamento, dos rituais do batismo, casamento e óbitos para que a comunidade cristã continuasse viva no contacto com o Evangelho. Este assunto chegou a Roma, sem obstáculos, para o devido

⁸³ Kohen, Arnold S. – *Por Timor*, Notícias editorial, 1999, Braga, p. 206

reconhecimento e, portanto, foi aprovada pelo Vaticano (Sagrada Congregação dos Ritos) a utilização da língua nacional, Tétum, nas celebrações litúrgicas.

A maioria dos timorenses mantiveram-se de pé, unidos e em oração, face à proibição e à repreensão. Tanto os jovens como os mais velhos continuaram cheios de entusiasmo em não perder nem renunciar à sua fé. Escreveu o Bispo Ximenes Belo numa carta dirigida ao Bispo de Setúbal, D. Manuel Martins: «O povo cristão reza, e esconde as cartas debaixo das estátuas dos santos, e esperam o dia feliz, em que possam expressar livremente as suas aspirações como homens livres. Senhor Bispo, reza por mim. Porque de um dia para outro posso seguir o caminho do Mgr. Romero.»⁸⁴

Muitos timorenses declararam aos sacerdotes que os sofrimentos físicos não os preocupavam. O que os preocupava e lhes doía mais era a intenção dos militares em ridicularizar a sua fé e os seus sentimentos religiosos. Houve vários acontecimentos e atos violentos praticados por parte dos indonésios, sobretudo pelos militares, que até chegaram ao ponto de humilharem e insultarem os líderes da Igreja Católica. De ano para ano a situação agravou-se. Em finais de junho de 1994 veio a comprovar-se como os militares indonésios dirigiram «insultos à Igreja Católica em Timor-Leste, que desta vez tomariam a forma de profanações quando vários soldados esmagaram hóstias com os pés numa igreja na vila de Remexio, a sul de Dili [...] os cristãos estão constantemente a ser presos, agredidos e intimados pela polícia. Mais tarde descreveria um incidente típico, em que os jovens detidos tinham sido obrigados a engolir contas de rosários: Eles ordenaram aos jovens: “Vá comam o vosso Deus, para que Ele possa vir e ajudar-vos a escapar desta prisão e desta tortura.»⁸⁵

A morte, a violência e o sofrimento não pareciam mais ter um poder absoluto sobre os timorenses mas, pelo contrário, o sofrimento e a morte tornaram-se um sinal da ação libertadora e salvadora de Deus para o povo de Timor-Leste que veio a tornar-se realidade em 1999 com a sua autodeterminação. Essa perspetiva é, então, como uma nova e profunda fé, a consciência desenvolvida, na qual Deus era visto como tendo compartilhado Seus sofrimentos como esta vítima inocente. Testemunhou um timorense:

⁸⁴ Carta de de D. Ximenes Belo, Administrador Apostólico de Dili, a D. Manuel Martins, Bispo de Setúbal, pedindo-lhe que obtenha junto do Secretário Geral das Nações Unidas uma resposta à sua carta, datada de 06 de Fevereiro de 1989, Arquivo e Museu da Resistência Timorenses, acedido a 13 de maio de 2020 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05002.014>

⁸⁵ Kohen, Arnold S. – *Por Timor*, pp. 206-207

«[...]the Church taught them how to bear suffering like Jesus; another said that the Church gave people hope in Jesus, who was the first revolutionary and who overcame loss, despair and death. From the Church, Timorese people seemed to receive a framework of meaning that related to their experience, particularly because of the example of Jesus: for them, the Timorese situation reflected the situation of Jesus, and their response to suffering mirrored in many ways that of Jesus because of their identification with and faith in him.»⁸⁶

Matar, ferir, aviltar e torturar o povo timorense daquele tempo tornou-se, muitas vezes, um hábito normal para os militares indonésios. Num relatório destes tristes incidente um missionário conta o seguinte: «[...]As torturas são de vários tipos, e inacreditáveis: o ferro em brasa, as cadeiras elétricas, as pontas de cigarro, o arrancar de unhas com alicates, golpes com lâminas, meter os dedos dos pés debaixo das pernas das mesas com grande pesos em cima, etc., com o fim de conseguirem informações ou para obrigar a denunciar os que se mantêm mais fortes no ideal patriótico [...] Apenas o clero tem trabalhado, para ajudar o infeliz povo de Timor-Leste em todos os sectores. Graças à Igreja de Timor, o resto da população tem conseguido sobreviver.»⁸⁷O respeito pela vida e a compreensão pela justiça desapareceram e passaram a ser despercebidos na conduta dos indonésios. O desprezo pelas leis naturais, morais e cívicas arrastou para uma “desmoralização”. A violência, o ódio, a vingança e a destruição eram os únicos meios utilizados pelos invasores para conquistar a antiga colónia portuguesa.

As atrocidades que caíram em cima do Povo de Timor-Leste precisavam da atenção de alguém. Precisamente, a questão de Timor-Leste tornou-se, então, o objeto da atenção de muitos parlamentos internacionais. Os gritos e choros chegaram a todos os cantos do mundo, tanto do mundo religioso como do mundo político. Era necessário que os cristãos de outros países manifestassem vivamente a sua solidariedade para ajudarem os seus homólogos. No mundo político o Parlamento Europeu, num plenário

⁸⁶ Hodge, Joel, - *The Catholic Church in Timor-Leste and the Indonesian Occupation: A spirituality of Suffering and Resistance, in South Asia Research*, pp.150-170

⁸⁷ Magalhães, A. Barbedo de – *Timor-Leste: Terra de Esperança*, Reitoria da Universidade do Porto, 1990, p.49.

em Estrasburgo, condenou os atos praticados pelos militares indonésios em Timor-Leste:

«Em relação a Timor, é preciso ter a consciência de que Timor-Leste sofreu dois genocídios em vinte e cinco anos: o da ocupação e aquele que foi milimetricamente planeado para o referendo. Dois abandonos em vinte e cinco anos: o de Portugal em 1974 e, até agora, o da comunidade internacional, que não soube honrar os compromissos que assumiu com o povo timorense. Duas diásporas em vinte e cinco anos: primeiro, o exílio dos que não aceitaram o invasor; agora, o êxodo daqueles que fugiram ao terror. Não há, portanto, tempo a perder. O terror em Timor é generalizado e, este povo, para nós, Portugueses, merece a consideração especial de quem o vê morrer a rezar e sofrer em português.»⁸⁸

Num congresso nos Estados Unidos da América, em 1994, o Bispo Ximenes Belo contou os incidentes que arruinavam a vida do povo e da Igreja de Timor-Leste. Quase todo o mundo religioso, sobretudo o mundo cristão, ficava estupefacto com os incidentes religiosos em Timor-Leste. Com a declaração do Bispo Ximenes Belo os bispos católicos dos Estados Unidos da América mostraram as suas preocupações e solidariedade para com a Igreja e para com o povo.

«Numa declaração de solidariedade para com a Igreja e o povo, o Bispo Daniel P. Reilly, Bispo de Norwich e Presidente do Comitê de Política Internacional da Conferência Católica dos Estados Unidos, expressou a preocupação da Conferência Católica dos Estados Unidos com as dificuldades vividas pelos católicos timorenses, e pediu "ação mais vigorosa" das Nações Unidas para ajudar a resolver a situação política de Timor-Leste.»⁸⁹

⁸⁸ Debate do Parlamento Europeu relativamente à situação em Timor-Leste, 1999, acedido a 20 de novembro de 2020, <https://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+19990915+ITEM-011+DOC+XML+V0//PT>

⁸⁹ cf. U.S. Bishops Express Solidarity with East Timor Church, acedido a 19 de dezembro de 2020 (<http://www.etan.org/etreligious/religious1/bishops.htm>)

A Igreja abraçou a dor e o sofrimento do povo como uma cruz mas com grande confiança em Deus. Assim, foi nestas provações que, na Igreja de Timor-Leste, os cristãos se sentiram mais purificados e mais luminosos na sua fé. Esta característica marcou, com clareza, que a Igreja esteve sempre atenta a todos os atos de violência praticados pelos invasores e presente, também, em todos os sofrimentos do povo sempre empenhada nos objetivos e nas lutas dos timorenses pela sua independência. A Igreja, isto é, os bispos, os padres, os religiosos e religiosas souberam, como muitos naturais, enfrentar as dificuldades do território no seu desenvolvimento. A juventude vivia numa situação aflitiva. Muitos jovens, particularmente os estudantes, eram acusados de serem mentores da resistência e de serem ativistas pelo seu comportamento no seio das suas residências. Os polícias e homens de serviços secretos estavam sempre ativos onde os jovens se juntavam.

A dor e o sofrimento do povo foram, certamente, um doloroso calvário para a Igreja católica em Timor-Leste. Ela abraçou tudo isso juntamente com os cristãos e com todo o povo. É nesta situação de dor que a Igreja vai continuando a desenvolver a sua missão evangelizadora mantendo-se com a luz da esperança acesa como vemos citando Carlos S.: «Nestas horas de dor para a nossa Igreja, mas ao mesmo tempo de esperança, receber palavras tão evangélicas enche-nos de alegria no Senhor. Entre cristãos, compreendemo-nos: a cruz não é uma derrota; na verdade, está unida à ressurreição, e não é dela senão um passo prévio.»⁹⁰

A luta para defender os direitos humanos, em todas as suas dimensões, travada pela Igreja ao tempo da ocupação Indonésia, ocorreu durante mais de vinte anos, perto dos conflitos políticos e conflitos de armas entre soldados indonésios e soldados da resistência ou reivindicando a vida de milhares de timorenses num sofrimento prolongado. A maior parte dos clérigos ou párocos juntaram-se aos fiéis e fizeram apelo a uma grande entreatada local numa total fraternidade com os calvinistas, “protestantes” e outras confissões religiosas, tanto no bairro como no local do trabalho, como reação contra toda essa atitude violenta e imoral. Timor-Leste era como um lugar de torturas e de vários tipos de violações. Os timorenses sofreram bastante sob o jugo de um domínio político que veio para destruir, na identidade e na cultura do povo, tudo o que tinha sido consolidado e cultivado ao longo de quatrocentos e cinquenta anos com Portugal. O que

⁹⁰ S., Carlos – in *A Igreja não Pode Calar – se*, Textos recolhidos, seleccionados e comentados por Jesus Delgado, Paulinas Editora, 2015, Prior Velho, p.33.

aconteceu naquela ilha foi um «genocídio demográfico, promovendo a fuga de centenas de milhares de Timorenses; genocídio cultural, porque desde o primeiro dia do terror o alvo central, do ponto de vista das instituições, foi a Igreja católica, foram os templos, foram as casas episcopais, foram os padres, foram as irmãs, foram os fiéis, ou seja, a instituição tradicional em que os Timorenses depositavam a sua confiança.»⁹¹

Os sermões, a divulgação das Cartas Pastorais dos Bispos, os contactos individuais ou de grupos, mantiveram e despertaram a consciência dos católicos para que não perdessem a fé mas, antes, que tivessem esperança em que um dia, por essa dor e sofrimento, iam tornar-se homens e mulheres livres. Perante esta situação dolorosa os timorenses, na sua maioria são católicos, viveram, muitas vezes na dor, mais intensamente a fé e tiveram ensejo de mostrar a fé como um dos aspetos mais invocado e comovedor: uma nascente, água que talha o seu caminho na terra. Este facto levou, ainda, os militares indonésios a tornarem-se mais exigentes: continuavam a esmagar a população timorense, uns foram perseguidos e outros foram assassinados. Mesmo assim, nas celebrações religiosas as igrejas continuavam cheias. Muitos milhares de crianças e jovens assistiram aos serviços religiosos. Houve, também, mais candidatos ao sacerdócio. Notou-se que muitos leigos continuavam a viver com um ideal cristão e foram perseverantes na sua luta pela fidelidade ao Evangelho apesar de todas as perseguições. Empenharam-se em ser soldados de Cristo a combater o bom combate contra o pecado e a injustiça que dominaram a sociedade timorense.

A experiência vivida pelo povo de Timor-Leste que é praticamente católico no tempo da ocupação é “muito semelhante como a dos cristãos da primeira comunidade”. Estes factos de fidelidade a Cristo e ao Evangelho, mesmo no meio da perseguição, foram uma grande luz de fé para a comunidade cristã e para os católicos daquele tempo com influência até aos dias hoje.

Os timorenses não sofreram, apenas, com as violências e torturas mas, também, com a fome e a escassez de bens essenciais. Os bombardeamentos que os indonésios fizeram, nos primeiros anos da invasão, destruíram tudo o que fosse vivo tanto pessoas como animais ou hortas dando origem a grandes fomes e muita pobreza em Timor. A fome deixou marca em tantas vidas ceifadas com tenra idade, em crianças nuas e

⁹¹ Debate do Parlamento Europeu relativamente à situação em Timor-Leste, 1999, acedido a 7 de janeiro de 2020 (<https://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+19990915+ITEM-011+DOC+XML+V0//PT>)

desnutridas. A Igreja foi a principal via de ajuda externa após o aparecimento da fome nos primeiros anos da ocupação. Embora a ajuda tenha sido fornecida por agências internacionais, como a Cruz Vermelha e a Catholic Relief Services, muitas vezes a Igreja teve de comprar aos indonésios.

A injustiça invadiu o país, a fome não largou o povo e a pobreza teve rostos bem concretos na população. Foi naquela situação e naquele momento da história do povo que o Senhor chamou a Igreja a construir o Reino de Deus. Nota-se também que a situação social de Timor-Leste, naquele tempo, era terrivelmente injusta. Alguns timorenses viviam no pecado social. Face a esta realidade, a Igreja local procurou sempre fazer chegar a sua voz a todos os ambientes para que, como cristãos católicos, os timorenses assumissem a responsabilidade de vencer o pecado e construíssem a fraternidade como base na justiça.

«A maior parte das pessoas eram pobres. Não era certamente um paraíso. Agora vivia-se com os mesmos problemas dos velhos tempos só que, muitas vezes, muito ampliados. O ar pesado que os envolvia fazia transparecer uma atmosfera de luto, miséria e puro pavor, quase tão tangível quanto os soldados que desfilavam empertigados pelas ruas, numa atitude de conquistadores.»⁹²

Então, para evitar as angústias, as brutalidades e os massacres provocados pelos soldados indonésios, a Igreja Católica em Timor-Leste teve de quebrar o silêncio. Com tantos sofrimentos, pobreza e injustiça, as lideranças religiosas, isto é, a Igreja local não podia ficar calada.

«[...] interpreting their aspirations and seeking to defend individuals against the persistent violation of their human rights, and the nation against its assimilation into, or suffocation by, a foreign culture.... Church membership has become a symbol of Timorese identity to such an extent that there has been a fusion of the religious and the secular, a merging of Catholicism and nationalism. The Church has offered to the Timorese people whatever consolation and fellowship it could

⁹² Kohen, Arnold S. – *Por Timor*, p.123

in their time of grief, and a spiritual context for the experience of suffering. It has been able to articulate and express their pain.»⁹³

Os soldados invasores eram realmente homens de outra mentalidade para tratarem os timorenses como animais. Matavam-nos, pilhavam, aprisionavam e obrigavam marido e mulher a praticarem relações sexuais em público. A Igreja católica não pôde deixar passar essa situação. Denunciou os factos através de cartas, emissões de rádio e de jornais. Isto provocou, por parte dos indonésios, uma campanha de calúnias contra os bispos e o clero que se encontravam no país.

Timor-Leste passou por uma profunda transformação religiosa no período da ocupação. No meio de mortes e violações, a população passou a identificar-se com a Igreja católica. Esta identificação foi-se ampliando com a participação em missas nos espaços sagrados tradicionais.

O povo de Timor-Leste vivia um tempo de enorme ruído mediático, histórico e emocional mas, mesmo assim, os timorenses nunca renunciaram à sua fé. Eles tinham a esperança firme de que um dia a justiça, a paz e o amor entre os homens seriam possíveis. Os responsáveis da Igreja Católica em Timor-Leste continuavam a trabalhar para que os cristãos não se sentissem abandonados humanamente e espiritualmente: «Como padre preferia fazer o meu trabalho como professor e líder espiritual e não ter de me envolver nas questões que são na sua essência de natureza política. Contudo, como pessoa de fé e como padre, como guia espiritual, temos de agir quando o ambiente social e político é tal que oprime e faz sofrer o nosso rebanho. Agindo para terminar com o sofrimento e a opressão do nosso rebanho, nós estamos a levar a cabo o trabalho de manter o Evangelho.»⁹⁴, afirmou o Bispo Ximenes Belo.

A aspiração do povo à independência, num país submetido ao domínio dos indonésios, levou os católicos, muito dos quais não tendo ainda adquirido a maturidade que lhes permitiria mostrar plenamente o catolicismo, a formar uma maioria, e dirigidos pelos dirigentes eclesiásticos foram mostrando o seu repúdio contra os atos praticados pelos indonésios. A problemática relativa à situação de Timor-Leste, sobretudo a

⁹³ Smythe, Pat, - “*The Catholic Church in East Timor*,” in Torben Retboll, (ed.), *East Timor: Occupation and Resistance* (Copenhagen: IWGIA, 1998), pp. 154-188

⁹⁴ *The Road to Freedom, A Collection of speeches, Pastoral Letters, and Articles From 1997-2001*; Sydney, Caritas Australia and Centre for Peace and Development Studies, 2001, p. 38.

violação dos direitos humanos, adquiriu um lugar de destaque na vida do clero timorense. Alguns padres estiveram, até, a um ponto de querer deixar o sacerdócio porque viram que o Vaticano não expressava, abertamente, a sua solidariedade para com o povo timorense que vivia na repressão sendo a maior parte do povo considerado católico. A verdade, no entanto, é que o Vaticano contribuiu “prudentemente”⁹⁵ e desempenhou também um papel importante na luta da autodeterminação de Timor-Leste, particularmente nos anos em que Timor-Leste tinha poucos aliados influentes.

«O Vaticano é uma Instituição que também nos diz que não faz política mas ali há ações políticas, há atividades políticas. E esses embaixadores do Vaticano eles fazem política. A Igreja só quer que a política só se faça ao alto nível mas a realidade, a realidade é uma coisa. [...] nós pertencemos a uma outra realidade, a um outro mundo em que neste mundo é Cristo que grita no grito de alguém que sofre. E se vou por este grito é um pecado? Eu quero deixar de ser sacerdote. Eu vou pelo grito. [...] Moisés não tolerou quando viu os egípcios torturar os judeus. Moisés aquele que se encontrou com Deus, aquele que falou com o Senhor. Ele também não tolerou. [...] Não posso ficar assim com mãos cruzadas, a ver pessoas a serem torturadas, a serem perseguidas e nós a viver. [...] Eu até pensei muitas vezes: “eu não nasci sacerdote. Nasci como timorense. E se é para perder a minha cidadania como timorense eu prefiro deixar o sacerdócio.»⁹⁶

Esta observação casuística visa sublinhar que era, precisamente, a intervenção da Igreja católica para renunciar e denunciar o grau de violência que atingiu o povo e os conflitos sangrentos que provocaram muitos milhares de mortos em Timor-Leste. Com a tal intervenção pode-se confundir os esforços que a Igreja Católica fez para defender os direitos humanos como uma luta de ordem política pela independência. Muitos líderes religiosos foram acusados de não colaborarem com Estado da Indonésia na construção da paz. O próprio Major Prabowo Subianto, que liderou a operação de Tim

⁹⁵ Sobre a questão de Timor – Leste, Vaticano não fez diplomacia aberta por motivo de prudência. Para não prejudicar a Igreja católica na Indonésia e manter uma relação harmoniosa com a Indonésia e com o resto do mundo islâmico, Vaticano preferiu ver a questão de Timor-Leste como uma questão política e não religiosa.

⁹⁶ Entrevista a Padre Jovito Rego de Jesus, acedido a 20 de janeiro de 2020, https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27929/3/ulfl233809_tm_Anexos_Entrevistas.pdf, p.15-19

Nangala em Timor-Leste, chegou a dizer que «a Igreja, os padres e a religião católica»⁹⁷ eram três forças principais que impediram a integração de Timor-Leste na Indonésia. Os invasores e os seus aliados viram os líderes religiosos como o maior inimigo deles. Incriminaram-nos como indivíduos que tentaram atrasar o processo de integração.

Portanto, todas estas manipulações e acusações, por parte dos indonésios, tinham intenção de afirmar que a Igreja Católica não era colaboracionista. Esta alcunha de não colaboracionista foi atribuída ao próprio Bispo da Diocese de Dili, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, a quem chamaram “o de cabeça dura”. Contou ele o que os indonésios disseram sobre ele: «dizem que não sou colaboracionista [...] dizem que eu falo muito política, que sou cabeça dura, mas não só; às vezes dizem que sou comunista, que sou vermelho; outros telefonaram-me e chamam-me porco, traidor. Levo de tudo, tenho de ter paciência!»⁹⁸ Houve ainda tentativa de o matar, mas tal acabou por não ocorrer.

«[...] Belo até tinha de controlar a comida que entrava na sua casa , como quando uma mulher muito nervosa lhe levava a casa um bolo, há uns anos atrás, que matara o cão que o comera.»⁹⁹

A verdade é que a posição da Igreja Católica, no domínio da Indonésia, constituiu um poderoso fator de pacificação e de conciliação entre duas forças políticas que estavam em combate. Nesta situação conflituosa a Igreja continuava a pedir e a apelar à população para criar um clima de paz, apelou à calma e pediu aos timorenses, sobretudo aos jovens, para não fizessem justiça pelas próprias mãos. Esta atitude missionária da Igreja exigiu o respeito das aspirações do povo a uma civilização que lhe seja própria. O desempenho e a posição da Igreja católica era indispensável para a continuação dum trabalho autenticamente missionário em relação à situação de Timor. Demonstrou ainda que a atitude patente por parte da Igreja poderá responder, assim, ao apelo dos militares crentes e não crentes que, mesmo inconscientemente, dela esperaram uma resposta às suas necessidades religiosas mais profundas: necessidade de verdade, de justiça, ou de amor por onde poderá entrar Cristo.

⁹⁷ Cf. Durand, Frédéric – *Catholicisme et Protestantisme dans l'île de Timor: 1556-2003*; p.101

⁹⁸ Kohen, Arnold S. – *Por Timor*, p.220

⁹⁹ *Ibid*

Além de enfrentar o regime no campo político, no universo católico a Igreja local teve um grande desafio pela frente. Os últimos anos da ocupação da Indonésia foram os anos em que os timorenses estavam divididos em dois grupos políticos, incluindo alguns católicos, que lutavam sem parar. Um grupo está a favor da integração da Indonésia e outro grupo é a favor da independência. Esta situação foi um pouco delicada e, por outro lado, a posição da Igreja foi esmagada porque cada um deles insistia em que a Igreja seguisse a vontade política deles e esta não rejeitou as críticas mas, pelo contrário, foi sempre paciente em aceitar as críticas e dar as suas opiniões.

A disputa prolongou-se ao longo de muito tempo e, enquanto isso, a Igreja não desistiu da sua missão. Diante da tensão política a Igreja nunca escondeu o seu rosto. Com todas as suas limitações ela continuou a tentar abraçar “*como mãe que abraça os seus filhos nascido no batismo*”, os dois grupos em conflitos como seu povo e continuou a ser paciente com as críticas internas e externas. O que foi muito frisado pela Igreja é que ela desejava que os direitos humanos, especialmente a justiça e a paz, fossem respeitados conforme era exigido pela Doutrina da Igreja e pela Declaração dos Direitos Humanos porque foram fuziladas, em massa, várias pessoas inocentes. Para a Igreja, como para Cristo, interessa o bem todos os homens e de toda a humanidade e, por isso, em Timor-Leste ela pronunciou-se em defesa dos direitos humanos violados. Bastava ver nas prisões ou nas ruas para se dar conta de quanta opressão e tortura eram exercidas sobre o povo. A liberdade de expressão quase não existia e quem falava um pouco de política ou era a favor da independência acabava na prisão. Cristo veio salvar o homem de corpo e alma e a sua missão é integral. Por esta razão a mensagem e a ação da Igreja teve ecos vivíssimos em Timor-Leste e naquilo que se pode definir como política. A Igreja católica em Timor-Leste teve direito e obrigação de se «[...] pronunciar no seu juízo moral, mesmo acerca das realidades políticas, sempre que os direitos fundamentais da pessoa ou a salvação das almas o exigiram e utilizando todos e só aqueles meios que são conformes com o Evangelho e, segundo a variedade dos tempos e circunstâncias [...]»¹⁰⁰

A Igreja condenou sempre a atitude dos invasores porque não estava de acordo com os ensinamentos da Igreja onde o amor e a paz se traduzem no ensinamento máximo da Igreja:

¹⁰⁰ Consílio Vaticano II, *Constituição pastoral - Gaudium et Spes*, 11ª edição, Editorial A.O., Braga, 1992, nº. 76.

«El fusilamiento en masa de inocentes, como represalia de la falta de un particular no es un acto de justicia, sino una injusticia sancionada; fusilar a los rehenes inocentes no se convierte en un derecho por el hecho de que se lo tome como una necesidad de guerra. En los últimos decenios se ha visto asesinar por odio de raza; se han puesto a la luz del día ante el mundo entero los horrores y crueldades de los campos de concentración; se ha oído hablar "de la supresión" por centenares de miles "de seres inadaptados a la vida", de despiadadas deportaciones en masa, cuyas víctimas eran entregadas a la miseria a menudo con mujeres e hijos, de violencias infligidas a tan gran número de muchachas y mujeres indefensas, de la caza del hombre organizada dentro de la población civil para reclutar trabajadores o más exactamente esclavos del trabajo. La administración de la justicia degeneró en algunos sitios hasta el despotismo sin límites tanto en los procedimientos de investigación como en el juicio y la ejecución de la sentencia. Para vengarse de alguien cuyos actos eran tal vez moralmente irreprochables no se ha tenido incluso vergüenza de inculpar a veces a miembros de su familia.»¹⁰¹

Em cada esforço e em cada luta que a Igreja fez a favor do povo timorense o próprio povo veio descobrir que a Igreja Católica Timorense é uma instituição que se preocupava muito com a situação de angústia que oprimia o país. Até agora a Igreja tem tido uma voz decisiva no país onde, ela própria, também fez a sua luta e deu a sua contribuição para que ele se tornasse um país independente. Precisamente, posso sublinhar que o grupo da resistência que abraçou a fé católica bem como os bispos, os padres, os religiosos e as religiosas nunca tiveram uma vida sossegada. Foram sempre perseguidos e até houve várias tentativas para os matar. O percurso da independência, que foi feito ao longo de vinte e quatro anos, esteve sempre ligado à Igreja Católica. Por isso, a Igreja era rodeada por planos de assaltos e de ameaças como se esta instituição planeasse afundar a República da Indonésia quando apelava ao respeito pelos Direitos Humanos. Esta característica marca, com clareza, que os líderes católicos tinham

¹⁰¹ Discurso do Papa Pio XII aos Participantes no VII Congresso Internacional do Direito Penal, 3 de outubro de 1952, acedido a 18 de fevereiro de 2020.
https://w2.vatican.va/content/pius-xii/es/speeches/1953/documents/hf_p-xii_spe_19531003_diritto-penale.html

princípios e que seguiram as indicações da Igreja Católica. Os timorenses encontraram-se em sofrimento diário e a Igreja viu, emocionada, o povo a morrer dia e noite nas mãos dos militares indonésios e ela não suportava ficar em silêncio perante o sofrimento do povo.

Ao tomar conhecimento deste sofrimento os bispos estrangeiros também foram solidários com Igreja local e com povo timorense. Uns bispos norte-americanos ficaram insatisfeitos com algumas figuras da Pontifícia por não se interessarem pela questão timorense e pressionarem o Congresso a tomar alguma posição. Em pouco tempo a questão timorense moveu as atenções de homens, a nível internacional, que eram mais ativos nos assuntos humanitários. Aos poucos deram a conhecer a história de Timor-Leste, aquele país que nunca foi respeitado desde 1975, e que a partir de 1990 viu que a sua situação foi piorando. A 12 de novembro de 1991, no cemitério de Santa Cruz, o exército indonésio disparou sobre a multidão que fez uma procissão de flores, da igreja paroquial de Motael até ao cemitério, em memória do jovem Sebastião Gomes, que fora assassinado por agentes colaboradores dos indonésios, duas semanas antes deste acontecimento. A celebração era de natureza religiosa e pacífica mas alguns jovens ativistas aproveitaram para uma manifestação anti-indonésia Assim, provocando os militares indonésios que os rodeavam, os timorenses foram atacados a tiro. Perante aquele ataque contra pessoas desarmadas e em oração, em direto, ouviu-se que uns rezavam o terço e outros rezavam Pai Nosso de joelhos. Este massacre fez mais de duzentas pessoas mortas e deu, por fim, reconhecimento internacional à luta pela independência de Timor-Leste.

Alguns jovens que tentaram fugir para sobreviver do Massacre de Santa Cruz «foram mortos na casa mortuário, junto do hospital: esmagaram-lhes a cabeça com pedras e outros receberam injeções de água [...] e muitos corpos foram transportados para local desconhecido. Em Lahane, a cerca de 2 Km do Capital do país [...] encontraram-se centenas de jovens feridos, com as caras negras; os jovens estavam irreconhecíveis! Uns estavam detidos nas camas e outros estendidos no chão, outros nas varandas, pois as enfermarias encontravam-se superlotadas. Naqueles dias, a cidade de Dili era uma “cidade cemitério”: quase deserta...paira um ambiente de medo,

insegurança, luto e tristeza.»¹⁰² Alguns manifestantes foram presos e só foram libertados em 1999. De outros, no entanto, até agora ainda não se encontraram os restos mortais.

De qualquer modo o incidente Santa Cruz chegou ao mundo internacional mas o que veio depois foi mais complicado ainda porque, a partir daquele momento, os militares começaram a fazer mais dura repressão sobre a população. Os soldados indonésios abriram, então, fogo sobre a população de Timor-Leste mataram e aterrorizaram quem quer que fosse, sem qualquer distinção de sexo ou idade, com o único objetivo de calar as vozes que queriam mostrar ao Mundo que o povo timorense estava em sofrimento desde a invasão indonésia.

«A violência praticada pelas milícias, com apoio das Forças Armadas Indonésias, começou em 1998 com a perseguição aos membros da Resistência e da rede clandestina. O grupo das milícias Aitarak, soldados da TNI e a Polícia Indonésia atacaram e incendiaram a Câmara Eclesiástica da diocese, matando entre 13 e 15 pessoas das 300 que estavam ali refugiadas [...] as milícias expulsaram cerca de sete mil pessoas que haviam procurado refúgio na sede da Cruz Vermelha Internacional e na residência episcopal em Lecidere. Lançaram bombas molotov contra a casa do Bispo e depois lançaram fogo ao edifício, perdendo a diocese todo o seu acervo histórico.»¹⁰³

A razão dos vários sofrimentos que o povo e a Igreja Timor-Leste enfrentaram, ao longo de muitos anos, foi clara: as milícias pró-indonésias procuraram afogar em sangue o anseio pela independência política da esmagadora maioria do povo timorense em 1999. Notou-se bem que aquela atitude violenta em 1999 era uma negação clara do resultado do referendo realizado com a presença das Nações Unidas. Foram mortas milhares de pessoas, houve centenas de milhares de refugiados e centenas de milhares de cidadãos de Timor Leste que foram refugiados para outra parte da Ilha em Timor Ocidental. O ano 1999 é o momento mais catastrófico na história da Igreja e do povo de Timor-Leste. Uma história que se escreveu com o sangue de várias pessoas inocentes: padres, religiosos e religiosas, crianças, jovens, adultos e comunidade civil.

¹⁰² Belo, Carlos Filipe Ximenes, - *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, pp.76-77.

¹⁰³ Ibid, p. 90

A Igreja Católica de Timor-Leste que foi sempre respeitada pelo lado pró-integração foi atacada após a votação. Os pertences da Igreja Católica foram saqueados e destruídos.

Aconteceram vários episódios dramáticos e sangrentos. Foram assassinadas mais de duzentas pessoas na Igreja de Liquiça por um grupo de milícias. Na zona leste do país, Lautém, foi atacado um grupo ao Serviço da Cáritas que ia ajudar a população. Entre eles estavam duas freiras, dois seminaristas e um diácono.

«Their deaths provided the space for the community to remember – to have a memory of the group as self-giving victims, not as guilty criminals or enemies (which the regime accused them of being), or even as people to be avenged.»¹⁰⁴

Muitos casos de assassinio aconteceram em quase todo o país. Ainda no Suai, na costa sul do país, foram assassinados três padres e dezenas de fiéis numa Igreja. No dia 6 de setembro cerca de 50 pessoas, incluindo três padres, foram mortas na igreja de Suai pela milícia Laksaur.

O padre Tarcisius Dewanto foi o primeiro a morrer. Um homem empurrou-o e espetou-lhe uma faca no peito. Depois foi o padre Hilário Madeira e o último foi o padre Francisco Soares. Estes homens e mulheres da Igreja morreram inocentes e deram as suas vidas pela causa da libertação do povo que vivia oprimido. Foram corajosos em defender a justiça e a verdade. Permaneceram sempre juntos com o povo e deram todo o apoio espiritual ao povo, em tempo de perseguição, até aos seus últimos respiros.

Neste sentido, cujos acontecimentos foram relatados, provamos que o catolicismo por defender a verdade não se curva diante de ninguém. Aqueles que morreram mostraram e testemunharam que a Igreja não abandonou o seu povo em tempos de perseguição e de assassinatos. As mortes desses mártires inocentes, entre outros, tornaram-nos testemunhas poderosas na comunidade timorense e foi a eficácia do sacrifício e da abnegação que desafiou, ainda, muitos timorenses a recorrer à crença católica desde a ocupação da indonésia até ao dia de hoje. O exemplo do sacrifício inocente e abnegado dos padres, das freiras e dos fiéis corajosos ajudaram os timorenses

¹⁰⁴ Hodge, Joel, - *The Catholic Church in Timor-Leste and the Indonesian Occupation: A spirituality of Suffering and Resistance, in South Asia Research*, p.167.

a perceber a verdadeira natureza dos mártires que não só defendem a verdade mas, também, defendem um povo e uma terra. Destes mártires considerou D. Ximenes Belo: «não se morre em vão em Timor-Leste. Morre-se para defender uma terra que se chama Timor-Leste».

Em Timor-Leste, desde a primeira hora, em tufão, da invasão verificou-se a inexistência de uma voz que consolasse em sítios de aglomerados e de desespero. Quando o povo era impelido, sob as botas das forças ocupantes, os sacerdotes católicos foram as primeiras pessoas a intervirem, diante dos militares e dos Polícias, para salvar os que estavam em perigo, em qualquer local do país sempre que tiveram possibilidades. Muitos padres chegaram a proteger os refugiados e procuraram saber, de dia ou de noite, onde estavam os restantes apanhados.

Por outro lado, como já tinha sublinhado no capítulo anterior, as lideranças religiosas foram as figuras de comunicação da resistência timorense com o exterior ainda que o ambiente colocasse em risco as suas vidas. Muitos deles eram corajosos e foram movidos pela fé a manter contactos com as autoridades militares indonésias, para defender os direitos humanos dos timorenses, mesmo que não houvesse respeito nenhum por parte dos militares indonésios. Os relatos das autoridades da Igreja timorense, dos sacerdotes, dos religiosos e religiosas sobre a situação do território chegaram aos gabinetes de várias figuras internacionais.

As notícias e as cartas não se limitaram a circular no interior e no exterior do país. Foram ouvidas pelas organizações internacionais e associações humanitárias. A maior parte dos católicos do mundo, incluindo o Vaticano, ouviram os clamores e os apelos de apoio moral da Igreja local. As comunidades internacionais viraram o olhar para o povo e a Igreja que sofria. Toda esta força veio culminar com a visita papal em 1989.

A Igreja católica de Timor-Leste nunca teve nenhum interesse na política nem ambicionou qualquer privilégio. O seu privilégio, que a glorifica, estava em proclamar a verdade, defender os direitos humanos e a justiça.

A história da Igreja católica, tanto em Timor-Leste como nos outros países, através dos tempos, escreve-se com tinta dourada. A Igreja preocupa-se e participa na luta pelos direitos humanos a fim de alcançar uma vida justa e pacífica. A posição da Igreja católica, em Timor-Leste, foi uma posição conciliadora naquela situação de

guerra, e não o contrário, contribuindo, desse modo, para conciliar e acalmar a disputa entre forças políticas embora se notasse que a Igreja esteve sempre ao lado dos políticos da resistência apoiando a luta timorense pela independência. De facto, os que lutaram pela independência de Timor-Leste, sentiram-se animados porque a Igreja Católica de Timor esteve do seu lado. Por outro lado, aqueles que queriam que Timor-Leste fosse integrado à Indonésia acusaram, criticaram e atacaram as lideranças religiosas nas suas residências por não apoiarem Timor-Leste a permanecer como uma das províncias da Indonésia.

Fé e Esperança foram virtudes nos tempos trágicos do povo e da Igreja. A vida dos timorenses, como também a da Igreja naquele tempo conturbado foi coberta de nuvens de intimidações onde explodiam as tempestades de conflitos sangrentos. A perseguição, a prática da tortura, o desprezo pelos direitos fundamentais dos homens, a prática de assassinio, o tráfico das mulheres, a matança, foram verdadeiras chagas do povo timorense e da Igreja Católica de Timor-Leste. Existiam, ainda, campos de concentração, sobretudo nas montanhas, nos primeiros anos da invasão e nos últimos momentos da ocupação. Ali morreram muitos timorenses por causa de doenças e da fome como escreveu um académico australiano Clinton Fernandes: «um quarto da população sofreram de cólera, malária, tuberculose e diarreia. Essas condições foram as principais causas de morte nos campos de concentração criados depois dos bombardeamentos para onde foram colocados também aqueles que "já estavam fracos por causa da pouca comida" e que tinham fugido das montanhas, rendendo-se, depois do bombardeamento intenso das forças indonésias.»¹⁰⁵

O que o povo viveu e suportou ao longo dos vinte e quatro anos da ocupação foi, realmente, o Gólgota. Houve momentos de horrores e muito trágicos. Não se tratavam estas situações como uma perseguição simples mas, sim, foi uma cena horrível na história da humanidade e da Igreja do século XX.

As circunstâncias em que a Igreja viveu exigiam heroísmo da Igreja para continuar a missão que recebeu de Cristo. A missão da Igreja Católica no mundo, como também em Timor-Leste, é para cumprir a missão salvadora de Deus. Portanto, em quaisquer circunstâncias e condições, a Igreja foi capaz de tentar, tanto quanto possível, envolver-se na missão de Deus para libertar o povo da opressão e o salvar do pecado e

¹⁰⁵ Belo, Carlos Filipe Ximenes – *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização*, 2º Vol, p. 90.

do mal. Foi isso que a Igreja católica de Timor-Leste fez ao longo da ocupação da Indonésia. Ela esforçou-se para cumprir a missão salvadora e servir (*diakonia*) o povo perante o conflito em Timor-Leste. Esta diaconia realiza-se no âmbito da *Missio Dei*, ou seja, a presença do Reino de Deus no mundo.

No meio do conflito a Igreja Católica esteve sempre presente para realizar uma missão de paz, exigir a justiça buscando o diálogo com todas as partes interessadas, governos locais, líderes militares e cooperação com Igrejas e religiões em Timor-Leste. A Igreja jogou no eixo central. Isso significa que a Igreja não é a favor do povo timorense que é pró-independência nem do governo indonésio que estava a trabalhar, duramente e violentamente, para manter a antiga colónia portuguesa como uma das suas províncias. O que a Igreja quis e exigiu foi a justiça, a paz e a verdade na antiga colónia portuguesa.

Embora reconheça o trabalho e a missão da Igreja Católica em Timor-Leste, tanto nos aspetos da proclamação da fé como na vida social, cultural, educação, saúde e economia, notou-se muito bem que a Igreja Católica falou em voz alta em defesa dos direitos humanos e, isso, demonstrou que a Igreja esteve realmente presente, conforme o mandado pelo Concílio Vaticano II, com base nas solicitações do Espírito Santo que é clara e decisivamente formulado em *Gaudium et Spes* : «As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo [...] A Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história.»¹⁰⁶

A experiência da opressão e do martírio levou o povo timorense, sobretudo os católicos, a descobrir o rosto de Cristo desfigurado, crucificado no madeiro da cruz, mas com a esperança inquebrantável da ressurreição, na esperança de dias melhores. À Igreja, pela grande influência de que goza na sociedade timorense, cabe-lhe igualmente a ela o dever de contribuir em íntima articulação com a Palavra de Deus, para a promoção dos valores sobre os quais se alicerçam a sociedade e a cultura. Este contributo decisivo é condizente com o pensamento da Igreja presente na encíclica de S. João Paulo II, *Centesimus Annus*, sobre o Estado e a cultura. A Igreja de Timor, nesta

¹⁰⁶ Concílio Vaticano II, *Constituição pastoral - Gaudium et Spes*, nº. 1

linha de pensamento, contribuiu e continua a contribuir para construir alicerces sólidos de uma sociedade sadia bem merecida pela nação timorense.

Portanto, depois da independência, como hoje, a Igreja é uma voz credível sobre a política, a economia, a sociedade e em todos os aspetos da vida. O cristianismo católico em Timor-Leste foi e continua a ser inspirador do povo e do estado ou da política no grande sentido aristotélico da palavra. O que significa que ele é o mais puro e mais poderoso motor da construção do país, sempre a renovar-se, e da sociedade humana plenamente enraizada na terra e, naturalmente, aberta para o céu.

O catolicismo timorense tem as suas características próprias. Um catolicismo que não poderia viver à margem da cultura, do povo e dos seus sofrimentos. Foi difícil resistir ao grau da violência contra os católicos, vê-los e ouvi-los chorar. Sendo assim, eles, permanecendo agarrados ao seio da Igreja Católica Apostólica Romana, não renunciaram à sua fé e não foram iludidos nem decepcionados na sua fé. O povo de Timor-Leste é «um povo de alma grande, forte na sua fé em Deus, e que não deixa diluir a sua identidade no mar das adversidades»¹⁰⁷

Dizem que a Igreja era uma referência e a base identitária da resistência mas não foi só por causa da ocupação Indonésia, ou da obrigatoriedade de escolherem uma religião, que os timorenses aderiram ao catolicismo mas foi, sim, pela sensação de terem o espírito em paz. No mato as pessoas aderiam ao catolicismo porque viam que a Igreja era a única entidade ligada à espiritualidade que os não abandonou à sua sorte. A Igreja católica, em Timor-Leste, foi a única entidade que foi capaz de dar conforto e paz à alma nos momentos mais difíceis da vida do povo de Timor-Leste.

O sofrimento do povo Timor-Leste e dos católicos perseguidos: bispos, padres, religiosos e religiosas caluniados, era um sofrimento vivido com Cristo. E, quando é vivido com Cristo, contém sementes de alegria como diz o Sermão da Montanha, «quando se sofre por causa da justiça»¹⁰⁸, ganha-se em alegria evangélica. A experiência do povo sofredor de Timor-Leste parece que segue uma lógica, isto é, identifica-se com a Paixão de Cristo e a cruz foi o único meio para chegar ao fim a missão da salvação.

¹⁰⁷ Prefácio de P. Manuel Morujão, in Martins, José Alves – *Da Cruz ao Sol Nascente – Experiência de Um Jesuíta em Timor-Leste de 1974 a 2012*, Editorial A. O, 2014, Braga, p. 12.

¹⁰⁸ cf. Sermão da Montanha

Timor-Leste é um país que surgiu a partir do sofrimento. O sofrimento que o povo e a Igreja viveram, durante a ocupação, não ficou muito longe da visão sobre o sofrimento de Cristo. Aquele sofrimento tratou-se como uma cruz e, no fim, foi como a alegria da ressurreição. Daí se pode dizer que a independência, a liberdade e a alegria daquele país católico veio só depois do sofrimento: depois do sofrimento vem a alegria.

Portanto, a ação da Igreja católica foi decisiva para que a alegria e a luz da liberdade acabassem por brilhar em Timor-Leste. Por isso é que o povo de Timor-Leste agarra a fé católica como parte integrante e inseparável da sua identidade.

Conclusão

«Fiel ao ensino e exemplo do seu divino Fundador, que dava como sinal da sua missão o anúncio da Boa Nova aos pobres, a Igreja nunca descurou a promoção humana dos povos aos quais levava a fé em Cristo. Os seus missionários construíram, não só igrejas, mas também asilos e hospitais, escolas e universidades. Ensinando aos nativos a maneira de tirar melhor partido dos seus recursos naturais, protegeram-nos, com frequência, da cobiça dos estrangeiros. Sem dúvida que a sua obra, pelo que tinha de humano, não foi perfeita e alguns misturaram por vezes a maneira de pensar e de viver do seu país de origem, com a pregação da autêntica mensagem evangélica.»¹⁰⁹

O catolicismo marcou a população de Timor-Leste desde que os portugueses administravam o território. Todavia, persistiram muitas crenças tradicionais, existentes e praticadas no quotidiano do povo timorense anteriores à chegada dos missionários católicos. Desde a chegada desses missionários em 1558 até agora, a maioria da população de Timor Leste tornou-se católica. O catolicismo constitui-se progressivamente um modelo de vida, tanto na orientação das atitudes quotidianas, como também uma referência para a determinação de valores e normas que se aplicam tanto à vida pessoal quanto à vida social. É nesse sentido que o Governo da República da Indonésia compreendeu perfeitamente a indissociabilidade da relação, tanto na fé católica como na história, entre os católicos timorenses e os seus dirigentes. O estado da Igreja Católica em Timor-Leste parece tão profundamente enraizada, porque o catolicismo tem uma forte tradição e foi capaz de se ir enraizando na cultura timorense, processos que se formaram ou se consolidaram nas histórias de resistência e na vontade de autonomia das populações e dos seus chefes.

As alegrias e esperanças, tristezas e angústias do povo timorense ao longo da sua história são também alegrias e esperanças, tristezas e ansiedade da própria Igreja católica. Numa situação dessas, a Igreja católica empenhou bem o seu papel pastoral, sendo pastora e guardiã moral dos seus membros, independentemente de raça, posição social e até mesmo sem prejuízo de qualquer inclinação política.

¹⁰⁹Paulo VI, *Carta Encíclica Populorum Progressio* (1967), acedido a 12 janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html, nº12.

A crença primitiva do povo de Timor-Leste até hoje em dia influencia ainda os timorenses a confiar nas forças naturais dentro da sua esfera de vida. O catolicismo e crença tradicional são duas coisas inseparáveis na maior parte da vida culta dos timorenses. Mas sempre em elevo a prática da vida cristã. Antes da invasão da Indonésia a comunidade timorense na sua maioria era animista, tinha a sua visão, suas crenças, de modo que mesmo como animistas, acreditem em um Deus, acreditam também na vida eterna das almas de seus parentes. E quando tiveram a oportunidade de se tornar católicos, viram que há uma semelhança entre a fé católica e as crenças tradicionais. Os timorenses têm uma fé simples, mas é profundo. Não intelectual, não teórico, mas uma fé viva.

É evidente que, houve uma evolução do catolicismo desde a invasão da Indonésia, em comparação com as décadas anteriores. E sem dúvida, o catolicismo cresceu em parte porque acolheu alguma parte das crenças indígenas e mas também por ser portador da identidade timorense em tempo de provação. As circunstâncias da guerra permitiram também conversões em massa e este facto, logicamente demonstra a confiança dos timorenses na Igreja católica. A confiança que o povo depositou na Igreja tornou-se um compromisso de fé porque a Igreja não tremeu em se colocar sempre ao lado do povo. Foi por isso que a Igreja católica em Timor-Leste era e continua ser uma mãe que entende profundamente as dores, tristezas e sofrimentos dos seus filhos.

A Igreja Católica em Timor-Leste não só gira em torno das forças morais e espirituais, mas também social e política. Por causa disso a Igreja é frequentemente chamada da voz dos sem voz por tentar denunciar o que não está de acordo com os seus ensinamentos. Como exemplo, em 1981 quando o líder da resistência, Xanana Gusmão quis fundar um partido com a ideologia do marxismo ou leninismo a Igreja que naquela época era liderado pelo Bispo Dom Martinho Lopes discorda com esta ideologia.

Os vinte e quatro anos da ocupação da Indonésia, de um ponto de vista económico e social, foram catastróficos. A atitude da Indonésia perante Timor-Leste foi de uma soberba especificamente tirânica. Implementou no território tudo que de negativo teve o regime ditadura: perseguição, prisão, assassinato e tortura de dirigentes ou de suspeitos da Resistência. O mais grave, todavia, foi a tentativa por parte da Indonésia de reduzir o povo de Timor-Leste à miséria económica e social. No meio de tudo isto o catolicismo robusteceu mais. A fé católica mantém-se firme e é fortalecida. Existiam muitos caminhos de o povo expressar a fé: a sua presença na Igreja, na Eucaristia, nas capelas. Eles também oravam em suas próprias casas, usaram o rosário e

organizaram procissões com uma estátua de Nossa Senhora, que levam de casa em casa. Mas outros tipos de reunião em grupo, sentar-se juntos para ler a Bíblia e orar não era permitido porque os militares indonésios não confiavam neles. Eles pensavam que iam discutir política, isso não era permitido. Mas, realmente, a fé católica para o povo é uma espécie de símbolo para uni-los, é uma forma de exprimir o facto de serem timorenses.

Na elaboração desta tese recordando também que nos períodos da ocupação, a Igreja católica era a única instituição que podia comunicar com o mundo exterior. Os hierárquicos da Igreja empenharam-se no envio de cartas a personalidades em todo o mundo onde descreveu a situação de Timor depois da ocupação. Em 1989 Ximenes Belo dirigiu-se ao Presidente de Portugal, ao Papa João Paulo II e a Javier Pérez de Cuellar, Secretário-Geral da ONU, reclamando por um referendo promovido pela ONU. Quando estas cartas foram publicadas, Ximenes Belo conseguiu chamar a atenção da comunidade internacional e da Igreja católica, mas fascinou também os controlos das autoridades indonésias. Pelo esforço que a Igreja fez para defender os direitos do povo foi atribuído o Prémio Nobel da Paz. Durante o discurso da cerimónia do prémio Nobel não sublinhou tanto os seus esforços, mas antes os da inteira comunidade católica e os esforços da Igreja a respeito dos sofrimentos do povo de Timor-Leste durante os tempos difíceis. Como bispo, ele considerou o prémio Nobel da Paz não só como algo para recompensar uma pessoa, mas como a devida homenagem pelo trabalho feito pela Igreja Católica em Timor-Leste, que defendeu os direitos inalienáveis do seu povo.

É neste sentido que os líderes da Igreja católica de Timor-Leste, entre outros, alguns missionários apesar de não ser líderes políticos, eram as figuras públicas timorenses mais generalizadamente aceites na arena global. Até o regime de Soeharto ficou genuinamente alarmado perante o papel unificador do líder Igreja católica em Timor-Leste, Carlos Filipe Ximenes Belo.

O cristianismo em Timor desde a primeira missionação tanto como na criação da nova diocese enfrentou várias dificuldades como acontece também em outras organizações e religiões. Mesmo assim o cristianismo, isto é o catolicismo foi um elemento decisivo para a história do povo, tanto para a determinação da identidade e da libertação do povo timorense. Dizia Xanana numa carta dirigida a um padre: «não negamos nem esquecemos nunca a decidida e corajosa atitude da igreja de Timor-Leste e, para além disto, afirmamos que a nossa luta seria extremamente mais difícil não fosse o indispensável apoio que a igreja de Timor-Leste tem vindo a conceder e a garantir à

resistência!»¹¹⁰ Quer queira quer não, o catolicismo, isto é, a Igreja foi fundamental para a vida política de Timor.

Durante a ocupação da Indonésia, praticamente só a Igreja Católica ficava com ligação ao exterior. Depois da independência, como hoje, a Igreja é uma voz credível sobre a política, a economia, a sociedade e em todos os aspetos da vida. As pessoas confiam na Igreja que promove o desenvolvimento sobretudo através da educação.

O cristianismo e no caso específico o catolicismo como religião dominante do país tem uma influência muito forte, mas sabe conviver com as outras religiões. A forte influência da Igreja Católica pode por vezes afetar as decisões das entidades governamentais.

É mundialmente conhecido o papel preponderante da Igreja Católica em Timor-Leste na defesa dos direitos do povo, inclusivamente o direito à autodeterminação e independência. Uma Igreja que empenhou muito na proteção da dignidade do povo. Ela não podia pôr de lado ou considerar menos importantes os desentendimentos e grandes dificuldades que eram consequência das ações do governo contra o povo, contra os religiosos, os fiéis e os bispos.

A Igreja lutou tanto para que a liberdade do povo fosse garantida, onde pudesse dar as suas opiniões livremente. A Igreja argumentou ainda que a consciência humana deve ser respeitada e deveria ter fornecido às pessoas as informações adequadas. Devido a fatores histórico e o facto de o povo de Timor-Leste ser católico, a Igreja deve ter um lugar especial. As Igrejas locais também devem ter a liberdade de trazer missionários estrangeiros de acordo com a universalidade da Igreja. A Igreja recomendou ainda mais que o Governo Indonésia estivesse realmente a cooperar com o Secretário-Geral das Nações Unidas e com o Governo de Portugal, bem como com grupos de resistência, para resolver o problema do país através do diálogo contínuo, a fim de alcançar uma solução honrosa e pacífica para todas as partes.

Muito dos religiosos e fiéis a fé deles estava sendo posto à prova, mas não tiveram medo, porque essa fé diz que deveriam ser tentados de acordo com o Mistério da Salvação, que é na Cruz que se encontra a salvação. A experiência da opressão e do martírio levou o povo timorense a descobrir o rosto de Cristo desfigurado, crucificado no madeiro da cruz, mas com a esperança inquebrantável da ressurreição, na esperança de dias melhores.

¹¹⁰ Carta de Xanana dirigida a um padre, aceso a 18 de fevereiro de 2021, (TL4235.pdf (bookmarc.pt))

À Igreja Católica, pela grande influência de que goza presentemente na sociedade timorense, cabe-lhe igualmente a ela o dever de contribuir em íntima articulação com a Palavra de Deus, para a promoção dos valores sobre os quais se alicerçam a sociedade e a cultura. Este contributo decisivo é condizente com o pensamento da Igreja presente na encíclica de João Paulo II, *Centesimus Annus*, sobre o Estado e a cultura.

Durante os anos da ocupação mais de 90% da população timorense eram católicos. Ficamos felizes com esse facto. Mas, francamente, isso não é suficiente. O catolicismo é uma parte forte da identidade do povo timorense. Mas não exaltar demais que este catolicismo está garantido. Perante todos os desafios do nosso tempo, não é suficiente ter fé apenas porque é timorense, porque os pais são católicos ou porque pela contribuição que a Igreja deu no processo da independência. O que necessário agora é uma fé em que se acredita pessoalmente e madura. A fé de hoje é aquela que é conhecida, amada e defendida. É conhecido, isto é, devemos conhecer a nossa fé, a nossa Igreja, não pode ser um católico de nome. Amamos profundamente nossa fé, temos orgulho de sermos católicos e dispostos a defender nossa fé.

A fé católica é a fé que por um lado é acreditada, por outro lado é aberta. Aberta à religião e comunidades religiosas. A fé católica torna-se fanática e estreita, se não é aberta. Ser aberto não significa que não acreditamos na nossa fé, e que pensamos que todas as religiões são iguais. Só há um que é o caminho, a vida e a verdade, que é nosso Senhor Jesus Cristo. E é somente em nome de Jesus que alguém é salvo.

Fontes e Bibliografia

1. Arquivos Consultados

Arquivo Timor Online do Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral:

<https://www.cidac.pt/index.php/o-que-fazemos/centro-de-recursos/documentacao/timor-online>

Arquivo da Resistência Timorense da Fundação Mário Soares:

http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_26

Heritage of Portugal Influence Portal: <https://hpip.org/pt>

Portal das Memórias de África e do Oriente: <http://memoria-africa.ua.pt/Home.aspx>

2. Magistério

AAS, Annus XXXVI, Series II, Vol. XII, MDCCCXLV.

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, 5ª Edição, Lisboa/Fátima, 2008.

Código de Direito Canónico, Editorial A.O., 4ª Edição, Braga, 2007.

Consílio Ecuménico Vaticano II, Documentos Conciliares e Pontíficos, 11ª edição, Editorial A.O., Braga, 1992

João Paulo II, *Homilia da Missa em Taci Tolu*, Dili, Imprensa da Diocese, 12 de Outubro de 1989.

3. Bibliografia Geral

Acto Colonial 1930, Série I, Número 156, Decreto nº 18:570. Artigo 24º

Aditjondro, George, - *An Indonesian Intellectual Speaks Out*, ACFOA, 1994.

Aid in Conflict - Texto anónimo, Matthew Clarke Editor, New York, 2006, p.172.

Belo, Carlos Filipe Ximenes – *Dili a Cidade que não Era*, Porto Editora, Porto, 2014.

Belo, Carlos Filipe Ximenes - *The Road to Freedom*, A Collection of speeches, Pastoral Letters, and Articles From 1997-2001, 2001.

Belo, Carlos Filipe Ximenes, *Demi Keadilan dan Perdamaian*, Direção de Peter Tukan e Domingos de Sousa, Editor Komisi Keadilan dan Perdamaian Dioses Dili, 1997.

- Belo, Carlos Filipe Ximenes, *História da Igreja em Timor-Leste (1º Volume): 450 anos de Evangelização (1562 – 1940)*, Fundação Eng. António de Almeida, 2013.
- Belo, Carlos Filipe Ximenes, *História da Igreja em Timor-Leste (2º Volume): 450 anos de Evangelização (1940 – 2012)*, Fundação Eng. António de Almeida, 2016.
- Belo, Carlos Filipe Ximenes, *Lendas e narrativas da História da Igreja em Timor-Leste*, in Povos e Culturas nº 19, CEPCEP, Lisboa, 2015, pp. 73-136.
- Belo, Carlos Filipe Ximenes, *Missionário Transmontanos em Timor-Leste*, Editora Exoterra, 2018.
- Belo, Carlos Filipe Ximenes, *Posição da Igreja Católica Perante a Visita da Delegação Parlamentar Portuguesa* (Carta Pastoral), Dili, Imprensa da Diocese, setembro 1991.
- Bouyer, Louis – *A Decomposição do Catolicismo*, Livraria Sampedro Editora, Lisboa.
- Branco, João Diogo Alarcão Carvalho, «A Ordem de São Domingos e as Origens de Timor», in *Independência*, n.º 5, Lisboa, 1987.
- Carey, Peter, The Catholic Church, religious Revival, and the nationalist movement in East Timor, 1975–98, in *Indonesia and Malay World*, 27º Vol, 1999, pp.77-95.
- Colaboração da metrópole. Seara*, Díli, ano 1, nº 9, setembro de 1949.
- Cruz, António Oliveira, *Timor: Mártir Timor (Política)*, Lisboa, 1991.
- Durand, Frédéric – *Catholicisme et Protestantisme dans l'île de Timor: 1556-2003*; Toulouse, Editions Arkuiris, 2004.
- Ferraz, Gilberto, *Timor Leste Dívida Por Saldar*, Editora Chiado, Lisboa, 2016.
- Garrido, Maria José Rodeigues, *As Lideranças Religiosas no Processo de Independência de Timor-Leste*, Tese Mestrado em História e Cultura das Religiões, Universidade de Lisboa, 2016.
- Goulart, D. Jaime Garcia – *Diocese de Dili – Relatório Referente ao Quinquénio de 1946-1950*.
- História Religiosa de Portugal*, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Direção de Carlos Moreira Azevedo, vol. 3, p. 136-137).
- Jolliffe, Jill, Timor, *Terra Sangrenta*, Lisboa, ed. O Jornal, 1989.
- Kohen, Arnold S., *Biografia de D. Ximenes Belo – Por Timor*, Traduzido por Vera Caeiro, Ed. Notícias, Lisboa, 1999.
- Loch, Alexander, *Nation building at the village level: First the house, then the Church and finally a modern state*, In *East Timor – How to Build New Nation in Southeast*

- Asia in the 21 Century*, Research Institute on Contemporary Southeast Asia, Bangkok, nº 9, 2009, pp. 95-104.
- Magalhães, A. Barbedo de – *Timor-Leste: Terra de Esperança*, Edição da Reitoria da Universidade do Porto, 1992.
- Marie, Jean e Robert de Montvalon, *Catolicismo de Vanguarda*, trad. Ruth Delgado, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1965.
- Martins, José Alves, *Da Cruz ao Sol Nascente – Experiência de Um Jesuíta em Timor-Leste de 1974 a 2012*, Editorial A. O, 2014, Braga.
- Missões de Timor*, Boletim Geral das Colónias, Lisboa, vol. XIV, nº 154, 1938.
- Neonbasu, Gregorius Junus, *Keadilan da Perdamaian di Diosis Dili*, Timor Timur: Dalam Terang Ajaran Resmi Gereja Katolik, Dili, Komisi Komunikasi Sosial Diosis Dili, 1992.
- Boletim Geral das Colónias*, Números missionários, Lisboa, Vol. XIV, nº 161, 1938.
- Rodrigues, José B., SDB, *O Rei de Nári – Histórias, Lendas Tradições de Timor*, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1962.
- S., Carlos, *A Igreja não Pode Calar-se*, Textos recolhidos, seleccionados e comentados por Jesus Delgado, Paulinas Editora, Prior Velho, 2015.
- Sampaio, Jorge, *A Saga de Timor-Leste: Breve Revisitação de um Percurso Atribulado*, in *Povos e Culturas* nº 19, CEPCEP, Lisboa, 2015, pp 25-38.
- SEARA - Boletim Eclesiástico da Diocese de Dili*, Timor Oriental, 1998.
- Siagian, Sihol e Peter Tukan, *Voice of the Voicless = Suara Kaum Tak Bersuara*, Obor, 1997.
- Smythe, Patrick A., ‘The Heaviest Blow’: the *Catholic Church and the East Timor Issue*, LIT Verlag, Münster, 2003.
- Taylor, Jhon G, *Timor - A História Oculta*, traduzido por António Sá Amaral, Bertrand Editora, Lisboa, 1993.
- Teixeira, Manuel - *As Canossianas na Diocese de Macau*, Tip. da Missão do Padroado, 1974.
- Teixeira, Manuel, D. António Joaquim Medeiros, *Apóstolo de Timor*, separata Brigauta. *Revista de Cultura*, vol. IX, n.º 34, julho/dezembro de 1989.
- Thomaz, Luís Filipe – in *Timor – Abandono e Tragédia*, Manuel A. Bernardo, Editor Prefácio, 2000, Lisboa.
- Timor-Leste: 20 anos de ocupação – 20 anos de resistência*. Texto Anónimo. Lisboa: Edição A Paz é Possível em Timor-Leste.

Fernandes, Francisco Maria, *Radiografia de Timor Lorosae*, acessado a 28 de julho de 2020, <https://issuu.com/axiusdesigns/docs/timorbook>.

Freitas Salustiano, *The Indonesians Teach us How to Hate Their Violence but also how to Resist*, acessado a 8 de novembro de 2020, <https://vuir.vu.edu.au/32974/1/THE%20INDONESIANS%20TEACH%20US%20HOW%20TO%20HATE%20THEIR%20VIOLENCE%20BUT%20ALSO%20HOW%20TO%20RESIST%20East%20Timor%20-19%20Years%20of%20Resistance%20-%20SALUSTIANO%20FREITAS.pdf>

Hodge, Joel, - «The Catholic Church in Timor-Leste and the Indonesian Occupation: A spirituality of Suffering and Resistance», in *South Asia Research*, Vol. 21, nº 1 (March 2013), Taylor and Francis – Ltd, acessado a 20 de maio de 2020, <https://www.jstor.org/stable/23752590?seq=1>

João Paulo II, *Carta aos Bispos de Timor-Leste*, setembro de 1999, acessado a 20 de março de 2020, http://w2.vatican.va/content/john-paul_ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_19990909_east-timor.html

Kohen, Arnold S., *The Catholic Church and the Independence of East Timor*, acessado a 18 de agosto de 2020, <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/14672715.2000.10415776?needAccess=true>.

Letter from portuguese christians to the people of East Timor, acessado a 19 de maio de 2020, <http://xdata.bookmarc.pt/cidac/tl/PP1183.pdf>.

Paulo VI, *Carta Encíclica Populorum Progressio* (1967), acessado a 12 janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html.

Paulo VI, Carta Apostólica *Octogesima Adveniens ao Cardeal Maurício Roy* (1971) acessado a 12 de janeiro de 2021, http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html.

Relatório da Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação (CAVR), acessado a 17 de janeiro de 2021, https://books.google.pt/books?id=FChIDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

Schouten, Maria Johanna, *Novas Perspetivas Sobre a História de Timor-Leste*, acessado a 2 de dezembro de 2020, https://ubiblorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4520/1/Novas_perspetivas_sobre_a_historia_de_TiMOR.pdf

Simão, Daniel Schroeter, Henrique Romanó **Rocha** e Sarah Victória Almeida Rodrigues, «Sacralidades Timorenses», *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 4, No 1 | 2015, acessado a 24 março 2020, <https://journals.openedition.org/cadernosaa/870>.

Sou Timorense - Testemunhos de Timor-Leste, Março de 1990, acessado a 5 de agosto de 2020, <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05002.118#!38>

Timor-Leste – Informações (1989), acessado a 29 de março de 2020, <http://xdata.bookmarc.pt/cidac/tl/TL3233.pdf>.

U.S. Bishops Express Solidarity with East Timor Church, acessado a 19 de dezembro de 2020, <http://www.etan.org/etreligious/religious1/bishops.htm>